



Farol das *ilhas*

Histórias de vida para além de um hospital

SANDRA LESSA

Farol das
ilhas

Histórias de vida para além de um hospital

SANDRA LESSA

MINISTÉRIO DA CIDADANIA E ARTE DESPERTAR APRESENTAM:

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Agência Brasileira do ISBN - Bibliotecária Priscila Pena Machado CRB-7/6971

L638 Lessa, Sandra.
Farol das ilhas : histórias de vida para além de um hospital [recurso eletrônico] / Sandra Lessa. — São Paulo : Arte Despertar, 2019.
Dados eletrônicos (pdf).
ISBN 978-85-63880-03-1
1. Contos. 2. Literatura brasileira. 3. Pacientes hospitalizados - Histórias de vida. I. Associação Arte Despertar. II. Título.

CDD B869.3

Acender histórias pela arte

No corredor de um hospital, todos os quartos parecem iguais. À espreita e pacientemente, entretanto, o extraordinário habita. Explorar as camadas mais profundas desse cenário é a missão que a Arte Despertar (AD) assumiu para sua caminhada: enxergar não apenas pacientes e doenças, mas pessoas e histórias de vida.

Este livro promovido pela AD nasce dos encontros entre a artista, educadora e autora desta publicação, Sandra Lessa, acompanhada pelo também artista e educador Geraldo Orlando Filho, com pacientes do Instituto Central do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (IHC-FMUSP). Esses dois

Patrocínio



achē
mais vida para você



bexs
The world wide bank

CDF.



RAZZO



Willis
Towers
Watson



Realização



SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DA
CIDADANIA



navegantes são a dupla de arte-educadores que, semanalmente, atende as unidades de internação de Endocrinologia, Transplante Renal e Geriatria, além do serviço de Hemodiálise. Ela, como narradora de histórias, e ele, como músico, percorrem cuidadosamente o arquipélago desses setores levando nos bolsos centenas de músicas, histórias milenares, olhos sensíveis e ouvidos atentos. Batem à porta de cada quarto e, quando assentido, aportam na ilha daquela ou daquele que os recebe. Vão em busca de cultivar momentos de fruição, de fortalecimento de laços e de reconexão das pessoas com seu próprio legado.

Prosa, melodia, letra e poesia convergem nos contos que estão por vir. Eles são a tradução literária de depoimentos de vida de beneficiários da AD. Sensibilizados pelo contato com a arte, pacientes e acompanhantes do ICHC dividiram com Sandra e Geraldo um pedaço de si mesmos, presente retribuído aqui em obra literária. Acionar memórias, reelaborar o momento presente e abrir novas perspectivas de futuro são meadas de um mesmo novelo. Novelos que se desenrolam no processo criativo de fazer o viver. Essa é a razão de ser da Arte Despertar: proporcionar experiências nas quais os sujeitos acessem seu próprio potencial criativo. A arte tem o poder de revitalizar o exercício da imaginação e, especialmente no contexto hospitalar, da liberdade. Ela abre janelas para novas leituras de mundo, incita perguntas, reposiciona papéis e ajuda a reviver o óbvio que às vezes parece ser esquecido: de que a enfermidade não diminui a grandeza das pessoas, de que a doença não é motivo para privação de direitos e de que ninguém deve ser tratado como objeto inanimado, sem se ter em conta desejos, vontades, sonhos e singularidades.

Movida pelos propósitos aqui narrados, há 22 anos a AD realiza atendimentos a pacientes, acompanhantes e profissionais em hospitais com narração de histórias e música. Em 2019, além do ICHC, outros sete hospitais públicos e filantrópicos da cidade de São Paulo foram contemplados em ações dessa natureza no *Plano Anual Arte Despertar: Promovendo Cultura nos Hospitais*, um projeto realizado no âmbito da Lei Federal de Incentivo à Cultura. Um dos frutos desse projeto é esta obra.

Ao longo de sua trajetória, a instituição impactou mais de meio milhão de pessoas. Desde 1997, a AD se dedica à elaboração de metodologias e abordagens, assim como à formação de profissionais da saúde. Além dos projetos sociais, foi criada uma linha de produtos que envolve treinamentos, cursos presenciais e de educação a distância, workshops e palestras para contribuir com o desafio de ser autossustentável. O propósito que ancora todas essas linhas de ação é o de engajar as pessoas na causa da Humanização da Saúde e promover o bem-estar e o cuidado com os usuários e com os profissionais dos serviços de saúde.

A prática da valorização das relações humanas e das pessoas que fazem o cotidiano da saúde é também o norte do Grupo de Trabalho de Humanização (GTH) do Instituto Central do Hospital das Clínicas, um parceiro imprescindível na transformação da intenção de realizar esta obra em realidade. O GTH ICHC é composto por uma equipe multiprofissional que desenvolve e acompanha projetos e ações voltadas para Humanização, integrado à Rede Humaniza FMUSPHC, de acordo com as diretrizes da Política Nacional de Humanização (PNH) do Ministério da Saúde e com os seguintes princípios: valorização da vida; compromisso com a qualidade do trabalho; valorização da dimensão subjetiva e social das pessoas; estímulo ao trabalho em equipe e à construção de redes cooperativas; estímulo à participação, autonomia e responsabilidade. Somos muito gratos ao GTH ICHC pelo suporte ao longo do processo de pesquisa e de coleta dos depoimentos que perfazem essa obra, assim como pela interlocução junto às instâncias do Instituto Central do Hospital das Clínicas da FMUSP.

Agradecemos, por fim, às pessoas que compartilharam conosco momentos preciosos de suas vidas e luminosas cenas de suas histórias. Em razão do compromisso firmado com os depoentes, suas identidades foram resguardadas. É pela narrativa de Sandra Lessa que o universal-particular de cada uma delas emerge. Na interseção entre realidade e ficção, passado, presente e futuro entram em suspensão e tornam a se abrir ao desconhecido cujo sentido será construído pelos seus olhos, cara leitora e caro leitor. É hora de embarcar nessa jornada.

Agradecimentos

Nesta parceria, muitos foram os que colaboraram no longo processo de feitura dessa obra.

Katia Cilene Oliveira da Silva, Coordenadora e Articuladora do Grupo de Trabalho de Humanização do ICHC FMUSP, como interlocutora junto às instâncias do hospital e responsável pela documentação referente à pesquisa a qual a coleta de depoimentos para este livro está atrelada.

Assistiram e ofereceram suporte à atuação no ICHC da arte-educadora e autora dessa obra, Sandra Lessa, e do arte-educador, Geraldo Orlando Filho, a pedagoga Nausica Riatto e o psicólogo Jean-Jacques Armand Vidal, o qual também auxiliou na coleta das autorizações dos depoimentos concedidos.

Por fim, é fundamental pontuar a contribuição de Geraldo Orlando Filho, que como músico e educador teve papel primordial nas relações estabelecidas junto aos pacientes e no trabalho de coleta de depoimentos, em que também teve parte da autora. A sensibilidade, o carisma e a virtuosidade de Geraldo como músico abriram caminhos e enriqueceram a beleza dos encontros que, na forma de relatos, alimentam esse livro.

imagine

A cartografia das ilhas	8
Ilha de Estradas	12
Ilha da Costura	18
Ilha dos Padres	24
Ilha da Música	32
Ilha da Laodiceia	38
Ilha das Sakuras	44
Ilha da Tatuagem	50
Ilha das Noivas	56
Ilha das Cordas	62
Ilha das Saudades	68
Ilha das Sereias	74
Ilha da Fotografia	80
Ilha da Vida	86
Farol das Ilhas	92

A cartografia das

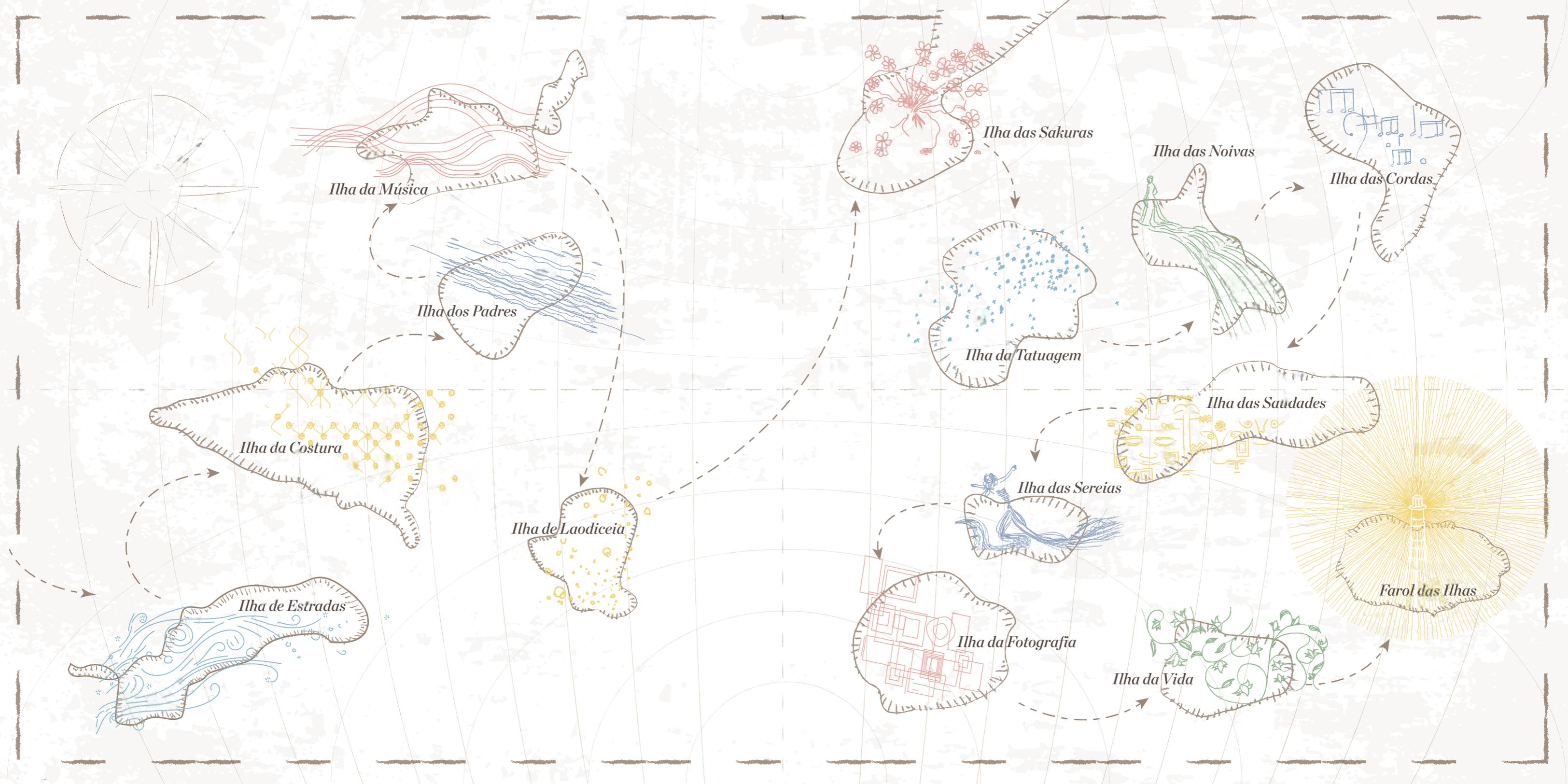
ilhas

Foi de ouvir alguém soprando nos meus ouvidos “hoje me ilho, amanhã me olho” que o desejo pela aventura se acendeu. Isso de se ilhar provém de uma sábia necessidade de se ver intimamente. Também sou feita de Ilha, sagrado espaço que me delimita. Ocorreu que minhas ruas andavam estreitas e atentei para o perigo dessa falta de horizontes. Lembrei da mulher velha de minha infância, à qual tenho a honra de chamar de avó, me dizendo: “Se minha cegueira cerrar meus olhos, que eu saiba pedir emprestado o olhar de alguém”. Definitivamente a viagem poderia aumentar o meu tamanho.

Mas de que Ilhas eu estava sedenta? Essa foi a primeira pergunta de que me cerquei. Ouvi falar de algumas onde viviam pessoas que atravessam tempos frágeis e que a dor do momento lhes orbitava com tanta intensidade que acabavam esquecendo-se de quem realmente são. Estas Ilhas me interessavam e em meu inseparável *caderno de aprendizados*, escrevi: “A memória representa o que uma pessoa um dia foi ou são os desafios enfrentados que revelam quem ela se tornou?”

Com tudo arrumado, batizei minha embarcação escrevendo nela: “Nau das Ilhas - toda Ilha tem seu tesouro”. Já de saída para o meu destino, fui surpreendida por um violeiro sentado na proa de minha embarcação todo pronto para seguir viagem comigo. Percebi que nele também raiava o desejo de se encontrar com histórias que pudessem aumentar sua perspectiva de mundo. No mais, ele era experiente em abrir os caminhos com a beleza de suas melodias. O dia estava amanhecendo e a sua companhia deixou a embarcação completa. Lançados ao desconhecido, deixamos o vento bater em nosso rosto e soltamos a corda. Desamarrei o barco e ele soltou a voz. Foi assim que a história começou e fizemos do viajar o nosso ofício.

Esta é uma cartografia que narra as Ilhas que atravessamos e todos os olhares que nos foram emprestados para abrandar nossa cegueira. Aceitamos a aventura sabendo que a maior travessia aconteceria dentro de nós, ainda que receosos do que os desafios nos poderiam provocar. Enquanto nosso barco adentrava o mar, miramos o horizonte e nossos pensamentos ocuparam o silêncio da imensidão que se abria. Tudo poderia acontecer.





ilha de

estradas

Era o princípio da jornada e procurávamos por alguma pista que nos levasse à primeira Ilha. Marés enchiam e vazavam no passar dos dias sustentando nossa espera. Então, acima de nós o longo pio de uma ave de rapina anunciou. Pássaro certo, desprende no ar uma folha que, na sua leveza, foi impelida ao vento. Entendemos o código e perseguimos a pista, corremos olhando para o ar até a água virar chão. Desembarcamos numa imensa área seca e, soltos, corremos para alcançar a folha. Paramos em outro mar. Ondas de folhas balançavam num imenso canavial que dançava em passo uníssono.

Chegamos nos canaviais do sertão de Pernambuco, num deserto verde de cana que cheira forte. Tratores derrubando a planta criavam uma névoa de folhas trituradas misturadas ao levante de terra seca. O menino estava no meio da imagem com

uma enxada na mão. Ali, na Ilha de Estradas, nossa história começa em uma roça de Pernambuco e um menino qualquer do sertão do Nordeste, destes que não tiveram escola e a quem a vida não destina caminho longo. Porém, aquele miúdo, cujo corpo tinha a exata grossura de um dedo mindinho, intencionava sonhos robustos que lhe aumentaram a ousadia e o tamanho da estrada da vida.

Enquanto cortava cana-de-açúcar para o patrão, esperava chegar pelas estradas as carretas que vinham pegar as cargas. As mãos do moleque paravam de capinar e seus olhos acompanhavam a carreta colorida que aparecia no meio do verde seco. Olhando pro azul de um céu sem nuvens, ele pensava, “o que uma estrada pode abrir na vida de uma pessoa?”.

Mas o caminho lhe guardava surpresa maior. Bem, na verdade, uma surpresa de um metro e meio de tamanho. Era o amor pedindo carona na estrada de sua vida, que começava a crescer como o rapaz. Mesmo sem ter como levar alguém em carro ou carroça, convidou a pequena para caminhar ao seu lado.

E mesmo com muito pouco ou quase nada, o homem se desdobrou para o namoro ganhar grandeza de casamento. Tempo em que tudo teve que aumentar de tamanho. A mulher era pequena, mas para estar à altura de sua valentia, a casa tinha que ser enorme. Durante o curso do casamento, ele foi deixando o sonho aumentar junto com a barriga da mulher que esperava o primeiro filho. Um dia ele viu chegarem duas carretas enormes nas terras do patrão. “Eram como bichos indomáveis, ninguém conseguia manobrar aquelas gigantes e colocar de ré na garagem, as carretas travavam em ‘L’ e ali empacavam. Aquilo foi sede pro meu sonho.”

Com os anos passados, um vizinho das terras canavieiras havia comprado um caminhão e precisava de um ajudante para descarregar. Ele foi! As mãos pequenas ficaram destruídas de trabalhar, mas era preciso muito mais para desconvencer as vontades desse jovem. “Eu envolvi um pano em cada uma até me acostumar.”

Com o tempo, não deu para o homem que crescia disfarçar seu brio nem seu bom humor. Ambas as qualidades foram reconhecidas pelo patrão, que foi deixando

esse cargo de lado para se transformar em amigo e finalmente ser efetivado como “parente”. “Pois não é assim que chamamos nossos compadres?” E foi este mesmo amigo que lhe ensinou a dirigir carreta, transformando sua fantasia de domar aquela máquina em realidade. Esse gesto ficou para sempre marcado na memória do homem, mais um motivo para o amigo se tornar parentela.

Nestes anos vieram os primeiros filhos, evocando mais areia para o caminhão. Veio também a proposta para o então pai de família deixar o Nordeste e mudar-se para São Paulo. Com a família crescendo, ele titubeou: “O Deus daqui é o mesmo de lá”. Foram alguns dias pensando nessa ousadia, afinal, agora ele tinha alguns filhos nascidos e outro na barriga. Acontece que seu sonho tinha tamanho de carreta que não cabe em garagem. Não tardou muito para ele ganhar estrada. Na sua quimera cabia toda a prole.

Com quilômetros de anos passados e mais filhos vingados, o homem já estava com a vida estabelecida na grande metrópole. Aí a saudade de seu antigo companheiro o visitou. Ele sabia do valor dessa amizade, pois quando tudo o que temos é o caminhar, os que ajudam no caminho devem ser sinceramente honrados. Chegou nas terras do compadre com uma carreta toda moderna da empresa em que estava trabalhando. Ao abraçá-lo, percebeu um certo nariz virado: é que o amigo não conseguiu disfarçar uma pitada de ciúmes da carreta nova. O homem, com seu velho tom sarrista, botou o compadre na carreta, levou-o para passear e os ventos da estrada fizeram as vezes de soprar para longe aquele azedume de quem não festeja felicidade que não seja a própria.

Ciúme é também caso que pode aparecer em família de gente que vive em estrada, quando os dias de espera são muitos e o espaço de imaginação pode ser maior do que o cotidiano pode comportar. Mas ele resolvia essa questão de maneira muito simples e sem grandes arroubos. “Eu sempre demonstrava que o que tinha em casa não podia ser melhor do que o que havia na rua. Tentação de tempero nunca nos pegou”, e assim foram gerados os doze filhos com a pequena mulher valente, que multiplicaram vinte e um netos. Família grande, de encher carreta e povoar o mundo. Certamente o segredo do casal estava no movimento. Quando havia algum problema que esquentas-

se a cabeça e deixasse a coisa brava, ele já sabia, “basta pegar a estrada para qualquer problema ficar na esquina”. “A vida é assim, se parar, dá briga. Se parar, separa.”

O caminhoneiro viajou do sul ao norte, viveu três meses na Argentina e viu muitas paisagens por esta América Latina. Contudo, ainda hoje, se lhe perguntam o que havia de mais bonito na estrada, ele responde sem pestanejar: “O meu caminhão”. Era a vida rolando veredas.

Certa vez, o homem comprou uma Kombi branca para poder passear com a mulher, os filhos e alguns dos netos. O passeio que todos amavam era descer a serra para brincar na praia. E, rumo ao litoral, foram todos entrando na Kombi, um a um, do um ao doze, mais os netos, treze a vinte e um. Era superlotação. As caras de decepção cresciam conforme as ancas se encaixavam, espremidas no novo e apertado veículo. A cada buraco os gritos de reclamação dos passageiros ecoavam naquele diminuto espaço entre o cangote dele e a boca dos outros. Conclusão, este foi o único dia da Kombi que acabou aposentando-se nova. Já no próximo passeio ninguém teve dúvida e foram todos se acomodar no amado caminhão. “Éramos vinte e uma pessoas descendo a serra numa carreta. Eu estacionava na praia, esticava uma lona pra fazer um teto e ali o caminhão virava cozinha e cama. Era tudo de que a gente precisava, não carecia de mais nada.” Na volta, já na estrada, com a sua pequena população dentro do caminhão, a família ouvia gritos que vinham dos carros dizerem “Farofeiros!”. Ele respondia sorrindo com uma gentil buzina e alguns acenos. Quem nasceu em terra de açúcar sabe bem o preço de uma boa farinha.

Pela estrada a carreta ainda leva este homem doce. Ele carrega um nome que provém do latim, surge de *amaru*, que significa literalmente “amargo”. Ouvindo sua história, fiquei com a dúvida: foi o doce da cana-de-açúcar que lhe cravou nos dedos de criança ou a cana que se tornou açúcar porque um dia foi colhida por ele?

Eu e meu companheiro, também feitos de viagens, saudamos as estradas desta Ilha e nos despedimos do homem. Ao retornar à nossa embarcação para seguir caminho, sentimos o gosto de melado que a história deixara em nossas bocas.



ilha da costura

As pistas para esse destino nos foram dadas fio a fio pela corrente que pespontava nossa direção, seguimos uma linha que dançava na superfície da água indicando o caminho. Paramos na renda branca que o mar borda em ondas. Ali na beira, descemos entre as rendas e a areia. E como já anunciado pela delicadeza do caminho, demos com uma gentil mulher. Feita com finos traços e corpo esguio, seu rosto era enfeitado por um sorriso vasto que se enredava na pele negra. Ela nos convidou a sentar enquanto descosturava seu destino.

Desfiar os fios de sua história lhe fez lembrar do começo da vida, lembrar e narrar são adornos de um mesmo alinhavo. A costureirinha puxou o fio curto da lembrança na rua de sua infância, onde brincava com os sete irmãos. A mãe com crianças



pequenas, uma panela menor ainda e todos precisando comer. Bolinhas de mamona e bonecas feitas com gravetos e palhas alimentavam-lhe a inocência para espantar assombrações. Restos são tesouros em mãos de criança.

A pobreza era um dos fantasmas que sempre lhe batia à porta quando pequena. Se naquela época já soubesse costurar, ela fabricaria em tecido uma panela bem grande que pudesse alimentar toda família. Enquanto a menina crescia quase a não caber mais nos surrados vestidinhos, esgarçava-se também o tecido social brasileiro. A degradação marcada pela elevação da pobreza e pela exclusão social privilegiava minorias e afrouxava cada vez mais a grande malha. Na casa dela não havia televisão para saber pelo noticiário o que se passava com o povo, mas sabiam o que viviam: a família sentia as falhas do tecido na pele negra.

O primeiro grande corte aconteceu aos treze anos, na noite em que ela não dormiu em casa. Já era fim de tarde quando ouviu a mãe rasgar palavras com o pai alcoolizado. Já era noite quando o pai usou de violência com a mãe. Já era de madrugada quando o pai, antes de desvanecer o corpo na sua embriaguez, expulsou toda a família para fora de casa. Se ela já soubesse costurar naquela época, tentaria cerzir esses pedaços.

Depois de levantar à consciência, o pai saiu de casa e a mãe teve que dobrar o trabalho para garantir comida na panela, que nessa época ficou ainda menor. Na ausência do pai, a família precisava encontrar uma maneira de fazer crescer a renda da casa. A costureirinha era a menina mais velha dos filhos, e a mãe a levou para a fábrica onde trabalhava: talvez ela pudesse fazer algum servicinho na cozinha e onde mais carecesse, o pouco de dinheiro que entrasse já seria muito. Chegando lá a moça avistou, enfileiradas num galpão, várias máquinas de costurar nylon. Com a linha da vida desenrolando um pouco mais, o dono da fábrica pegou simpatia na doce menina da cozinha e ofereceu-se para ensiná-la a costurar. Então ela fazia todos os pequenos serviços de manhã e, na sua hora do almoço, aprendia a usar a máquina de costura. Aos dezesseis ela foi registrada profissionalmente. O salário vinha dentro de um

envelope branco no final do mês e, sem pegar sequer uma moeda de lá, entregava o envelope nas mãos da mãe. Contrariando a idade, a menina que costurava guarneceu sua mocidade nas máquinas de costurar.

Alinhavando os fios dos anos, a moça só reparou no desdobrar do tempo quando o namoro lhe aconteceu. Então com dezoito anos, a costureirinha decidiu coser o delicado decote no vestido. Dava para ver na beleza do espelho a mulher que brotava entre o algodão e a sianinha. Desejos de futuro a levaram a alinhar fios mais densos e o casamento nasceu sem cerimônia, a chegada do primeiro filho foi a grande comemoração do enlace. Durante o casamento, pespontaram algumas vontades de juventude. O primeiro baile aconteceu acompanhada do marido. Sem saber dançar, ficou tonta no meio do salão como um carretel de linha em pino de máquina de costura. Ela achou bonito mesmo observar, de longe, a festa acontecer.

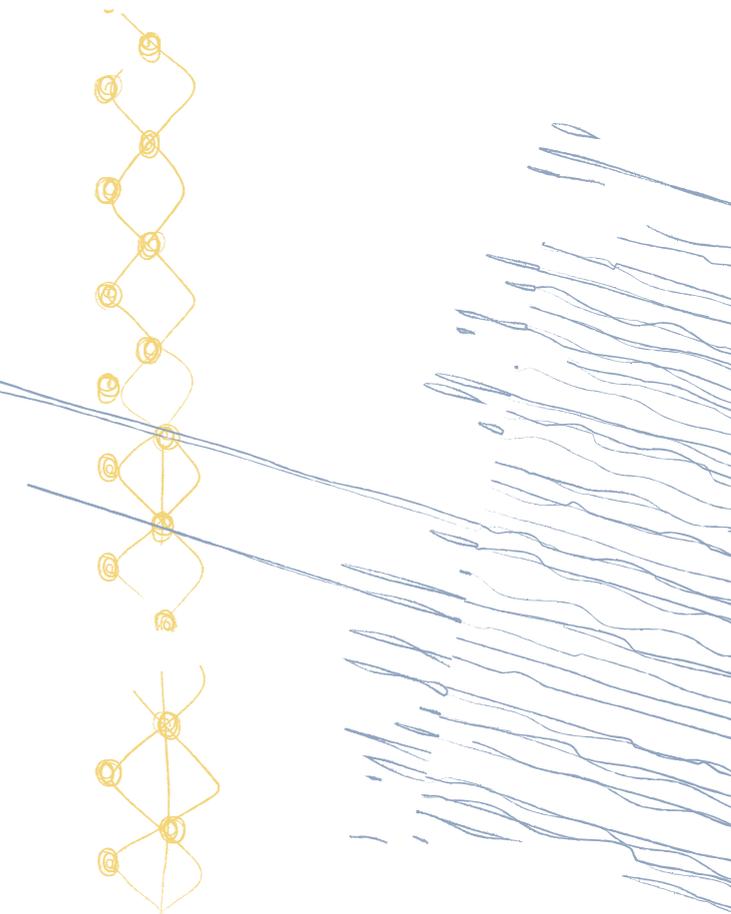
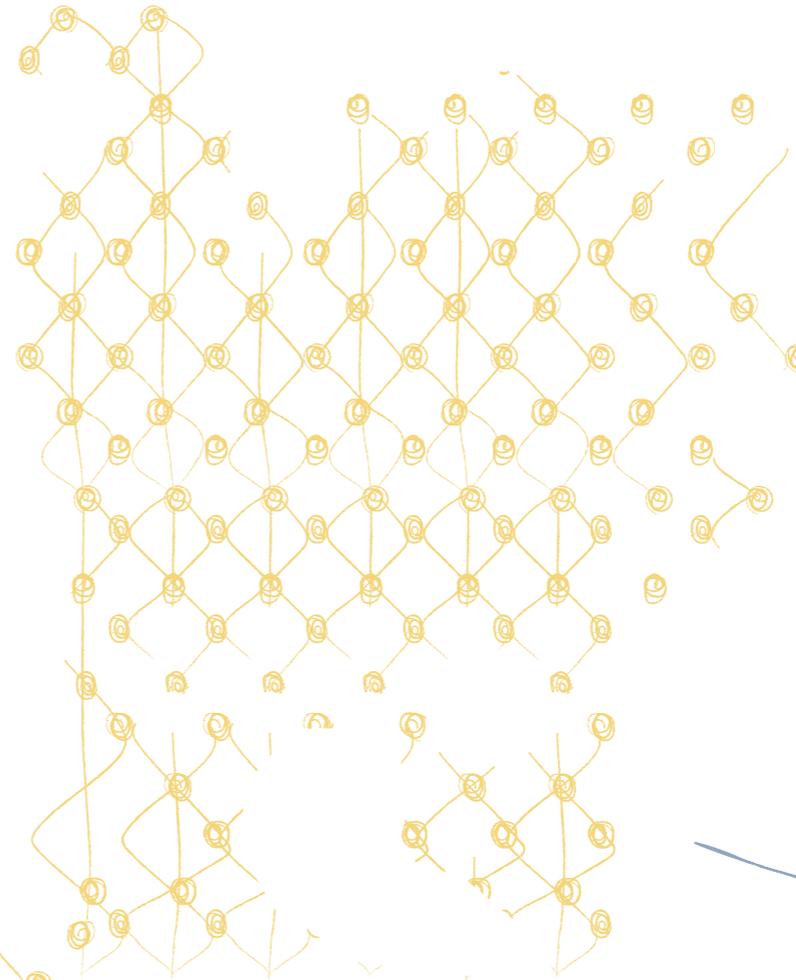
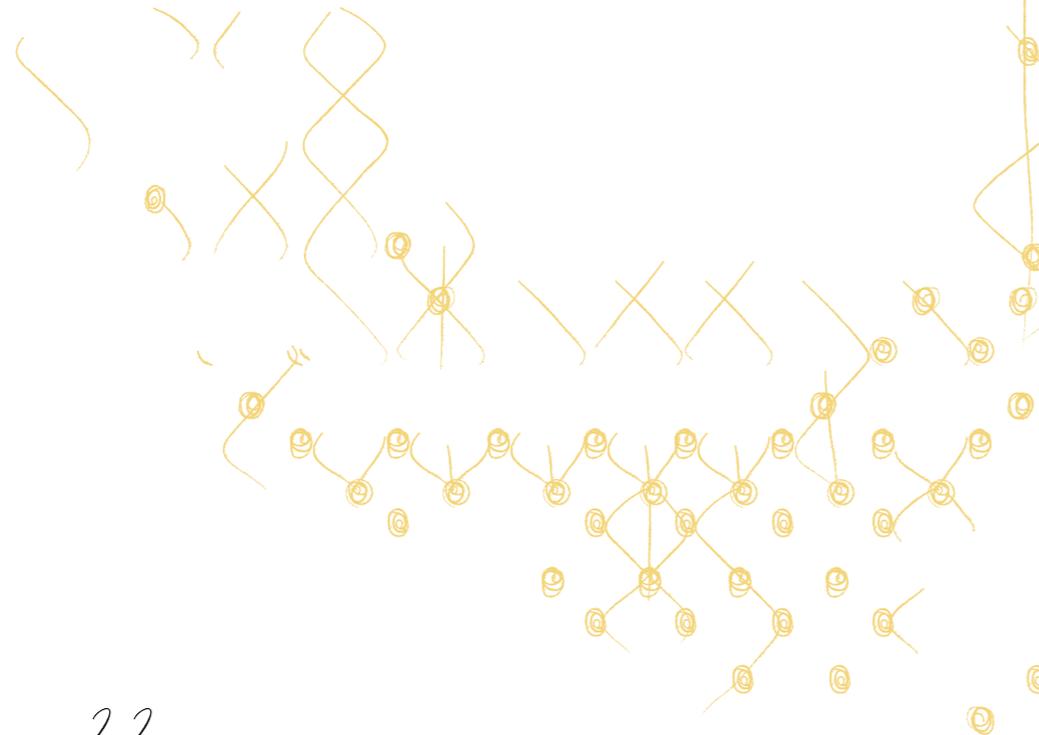
No tecer dos dias aconteceu de o espaço entre a máquina de costura e a cadeira diminuir novamente. É que lhe cresceu a barriga, a gerar uma nova vida. Era sempre assim: enquanto cantava “oiê, mulher rendeira”, ia dando conta da renda do mês. Coser, unir, alinhar com pontos miúdos quase imperceptíveis. Mas apareceu aquele buraco no tecido de novo, não havia fio que o fiasse. Repetindo o que se passou com a mãe, ela também tinha a seu lado um homem que terminava o dia danado pelo álcool. Remendava o tecido gasto para ver se cobria a família que crescia, mas o que novamente aumentava era o tamanho da sua roupa com outra gestação. Aumentava também o rombo na malha social. A pequena costureira insistia em tentar suturar remendos, e outra gravidez apareceu. Foram quatro gestações, foram quatro imensas alegrias que ela protegeu com os tecidos que tinha.

Nessa época a mulher puxou um meado de pensamento e percebeu que quem é perita em unir os pontos, sabe como ninguém desfazer costuras. Pegou o tecido de sua história nas mãos e começou a olhar, eram tantas emendas que sua história começava a se esfarrapar. Com toda a sua vida exposta naquele imenso tecido remendado, ela olhou bem para a sua infância e se recordou de seus pais. Depois olhou bem

para seus filhos. Pungida por essas imagens, criou coragem para desfazer os nós e os laços entre ela e aquele homem. A costureirinha começou a descosturar o seu destino. Foi ali que a encontramos feliz, com uma enorme quantidade de fios do passado jogados na beira da praia onde ela por ora descansava.

Coser bainhas, fazer as barras, tirar o molde e fortalecer urdiduras para enredar os fios na trama. Algumas pessoas nascem com a linha da vida definida na palma da mão, já outras ousam costurar à mão seus próprios caminhos. A costureirinha, que aprendeu resilir o seu destino, não descansa suas agulhas. Está bordando agora o sonho de virar advogada, um outro jeito de continuar a costurar os pontos do imenso tecido social.

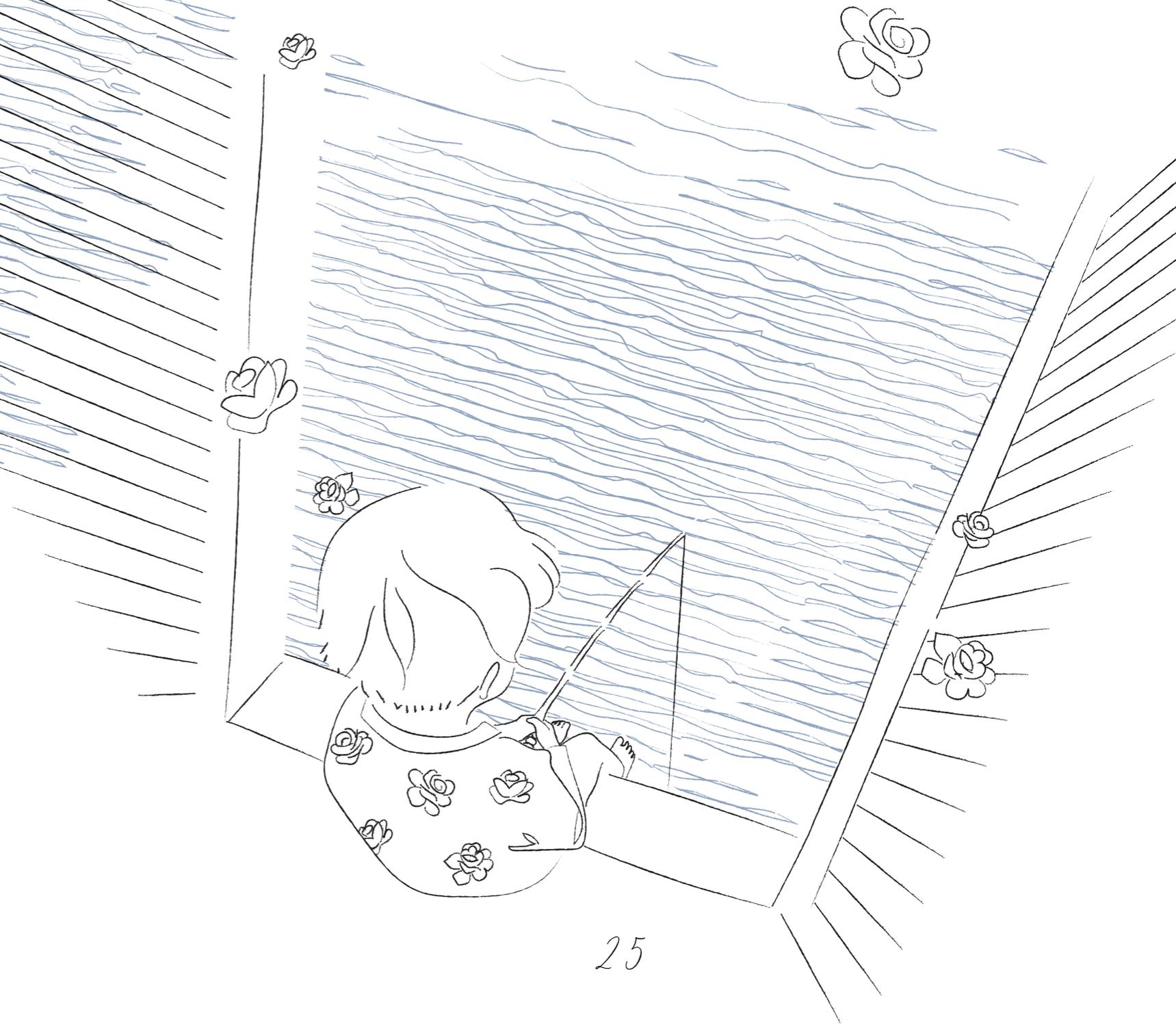
Despedimo-nos da mulher entrelaçando destinos e deixando fios conectados à sua doçura. Na Ilha da Costura todo acabamento era entregue à estética da beleza, pois ela, como ninguém, sabe: somente a beleza é capaz de restabelecer a vida.



ilha dos padres

Estávamos no bom fluxo das águas quando vimos em nossa direção aquela ilha. De longe as cores se misturavam, marrom, branco e verde inebriavam nossa visão, mas era possível ouvir a frequência de um mantra de rezas. Na medida em que nos aproximávamos o som crescia embalado em um delicioso aroma de panela ao fogo, o que só fazia aumentar nossa curiosidade. Na distância em que estávamos, a ilha nos permitia mais imaginar do que ver. Somente ao desembarcar e ter os pés em terra firme, foi possível entendê-la melhor. Com tantas qualidades fantásticas, a ilha certamente pertencia a um raro narrador de histórias.

De cara fomos surpreendidos por um rapaz recolhendo sua batina no varal. Correu envergonhado de seu corpo seminu, coberto somente por uma ceroula branca.



Eu e o violeiro rimos, mas tivemos que suspender a expectativa. Esse não era o dono da ilha, o frangote assustado só fazia parte das lembranças do homem. Foi de trás do varal que apareceu o homem que fecundava palavras. Fazendo com que nós, uma dupla de forasteiros, ficássemos à vontade para adentrar a Ilha dos Padres, ele nos convidou a cear ao seu lado em uma farta mesa e puxou o fio da vida para contar.

Nascido no Vale do Paranapanema, no pequeno município de Piraju, desvendou na infância tudo o que cabia numa pequena cidade. Rio, pescaria, cachoeiras, escola e uma casa fizeram o cenário onde compartilhou a vida com quatro irmãos glutões, bons filhos de mineira com italiano. Mas então aos treze, como se coubesse no seu corpo adolescente, veio aquela dor pela dor que a mãe sentia. Ela já estava bastante adoentada do que os médicos chamavam de “doença ruim” quando foram ao médico. O filho aguardou a mãe na sala de espera e a consulta durou o tempo dele conhecer uma moça que tinha um inchaço idêntico ao de sua mãe. Foi conversando com ela que o garoto descobriu o nome da “doença ruim”. “Naquele tempo”, contou, “não era permitido falar a palavra câncer”. E foi ali também que ele soube, “ela estava para morrer”. Nessa época a vida ficou na cor do luto e o perfume era da murcha flor.

Submerso no desespero, teve pouco tempo para maturar o próprio futuro. Foi ter com o padre da cidade e logo ficou tudo acertado. Nas missas de domingo, antes da oração final, o padre dava o microfone ao menino que contava sua história e pedia auxílio para montar o enxoval, ele iria para o seminário salesiano. Depois do enterro da mãe, veio a reunião de família, momento de pronunciamento do pai sobre o futuro de cada filho. “Os mais novos serão criados pela avó”, informou. Mas o menino surpreendeu a todos contando a novidade, “minha vida eu já resolvi, vou morar com os padres e estudar por lá, meu enxoval já está pronto”, mostrou as quatro enormes sacolas que havia conseguido e um tanto de dinheiro também. O pai, com sua braveza italiana, perguntou, “então você pegou dinheiro de santo?”. “Não”, respondeu o filho, “eu ganhei dos devotos do santo”. Foi assim o início de sua jornada que aqui ganha lembranças em tons de marrom, azul e rosa.

Na chegada ao seminário em Pindamonhangaba, ele segredava dois objetos especiais: um caminhão de madeira feito por suas próprias mãos e um pijama azul com estampa de rosas, presente da madrinha para lhe dar sorte. Mas sabe-se que em toda jornada há sempre algo a ser deixado para trás, isso faz parte das provações do iniciado. Ali no seminário, aos estudantes não era permitido brinquedo, e o menino viu seu caminhão ficando nas mãos de outra criança no momento em que transpassava as enormes portas de madeira. Este foi o golpe para soltar aquele choro há tanto represado no peito e enfim suceder o pranto necessário, que água parada acaba virando lodo. Já o pijama virou mesmo piada entre os padres, mas ele não abriu mão de usá-lo, era o compromisso com a madrinha. No seminário, deitava-se toda noite no azul sobre as grandes rosas. Foi assim até o corpo ficar grande e as rosas se tornarem pequenas para ele.

O seminário era enorme e os estudantes eram divididos por alas de acordo com suas idades. Tão grande quanto o espaço era a quantidade de aulas, vinte e oito matérias variavam do latim à aritmética. No dia da folga todos aproveitavam para estudar e fazer a escala dos serviços semanais. Entre a rotina de limpar banheiros, cuidar da horta e lavar o chão dos enormes salões, ele tinha gosto por arrumar a despensa de comida da cozinha. O lugar era fechado, não tinha nem janela, o que era para conservar melhor os alimentos. Tudo ficava organizado em latas e sacos e guardado em prateleiras, as últimas eram tão altas que só se alcançavam com longas escadas. Aquele era o pequeno paraíso dele. Apetitoso por conquistar seu espaço no mundo, o jovem se sentia em casa entre os cheiros e os temperos. Sabido, o moço foi aproximando-se da chefe da cozinha. A freira muito gorda e nada simpática foi conquistada domingo a domingo, quando depois das missas o rapaz entregava à senhora o santinho recebido por ele dos clérigos. “Ai, que santinho mais lindo!”, entoava a religiosa ao abrir, a cada novo presente, seus afetos ao rapaz. Essa pequena sedução ia garantindo, mais e mais, que ele fosse escalado para ficar na cozinha. E é aqui que as suas lembranças ganham todos os aromas.

Também era do cotidiano dos estudantes realizar pequenas ações benéficas em cidades nos arredores do Seminário. Numa tarde, em um lugarejo no in-

terior, a Kombi branca dirigida pelo padre carregava os seminaristas para mais uma dessas atividades. O moço, sentado no banco da frente, comprimia suas longas pernas mirando o mundo lá fora. Foi então que perguntou, “Padre, você já comeu porpeta?”. Bastou a palavra para o gosto tomar a boca do vigário e salivar sua lembrança, “mas que vontade eu tenho de comer uma, só uma porpetazinha”. Naquela semana o rapaz havia assistido ao anúncio num programa de TV de culinária, “eu posso fazer pra você, só preciso da receita que está na edição especial da revista da Ofélia deste mês”. O apetite do homem freou a Kombi em frente a uma banca de jornal da praça. Ele mesmo desceu e rapidamente voltou abanando a revista com um sorriso apertado entre suas grandes bochechas. “Encontrei!”. Estampada no destaque do mês como uma modelo de revista de moda, a porpeta. Agora ele só precisava convencer a dona da cozinha, a aguerrida freira.

Era preciso estratégia. Atento às oportunidades, passado um tempinho, foi num domingo em que ela estava preparando uma macarronada com almôndegas que o rapaz se atreveu a sugerir porpetas como acompanhamento. A freira disse que seria muito bom se ela soubesse a receita, “mas eu sei”, respondeu a ousadia do rapaz. Ele fritou oito como teste mas a freira só precisou provar uma! Na primeira mordida, a exigente senhora se deliciou por alguns segundos e imediatamente ordenou que outros garotos viessem ajudar. Sob o comando do moço, a rapaziada ia fazer as porpetas para mais de cem pessoas. Foi uma correria, um enorme desafio e também um deleite. Com todo o trabalho feito e a comida servida na mesa de todos os clérigos, o rapaz começou a passear pelo refeitório para ver o resultado. O padre do confessionário, sempre silencioso pelo caráter de seu ofício, disse “Santo Deus! Hoje cometi o pecado da gula!”. Outro veio abraçar a freira com os olhos em lágrimas, “suas porpetas me levaram para a minha infância na Itália, o mesmo sabor que o da minha nona!”. Eram tantos padres elogiando a iguaria italiana e confessando que haviam cometido o “pecadinho de comer uma ou duas a mais” que a freira foi aos céus, e o rapaz, para a cozinha. Daquele dia em diante, tornou-se cozinheiro do seminário, e entre as enormes panelas nasceram

tantas apetitosas invenções que ele ganhou o epíteto de “o cozinheiro dos padres”. E esta lembrança tem gosto de glória.

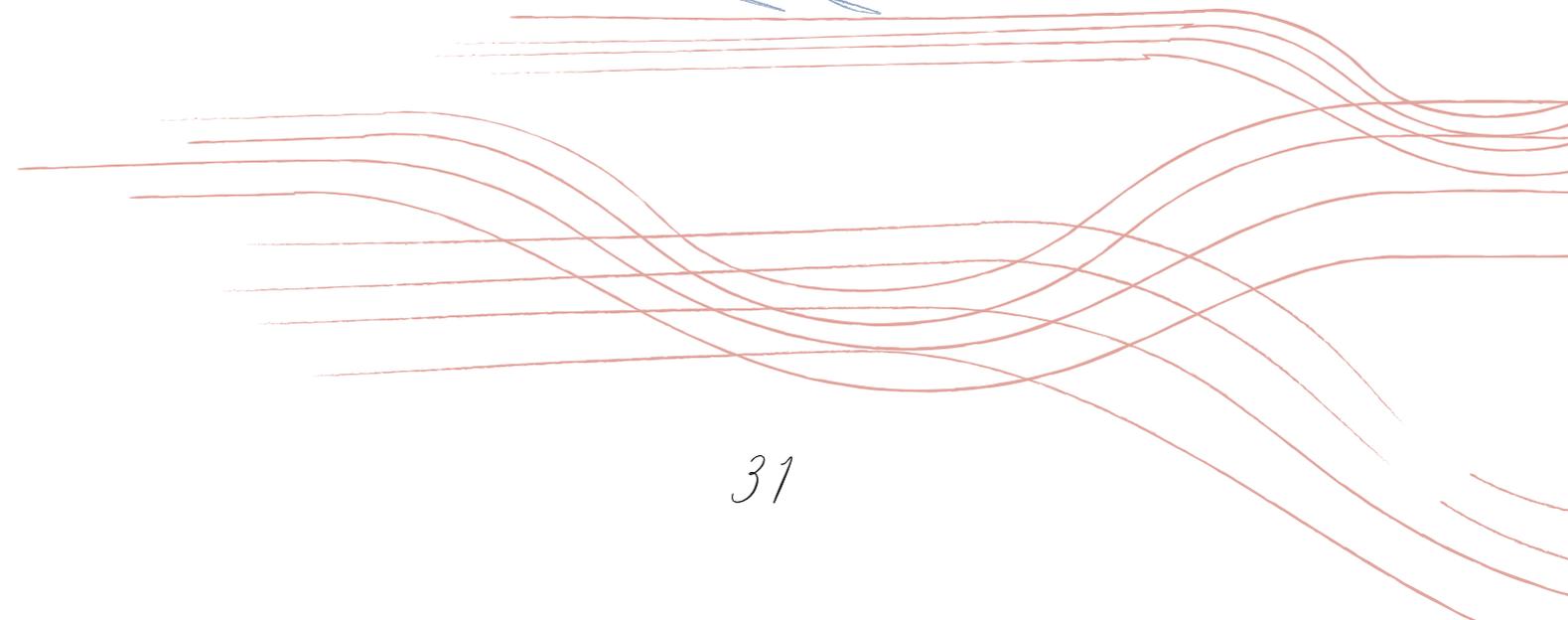
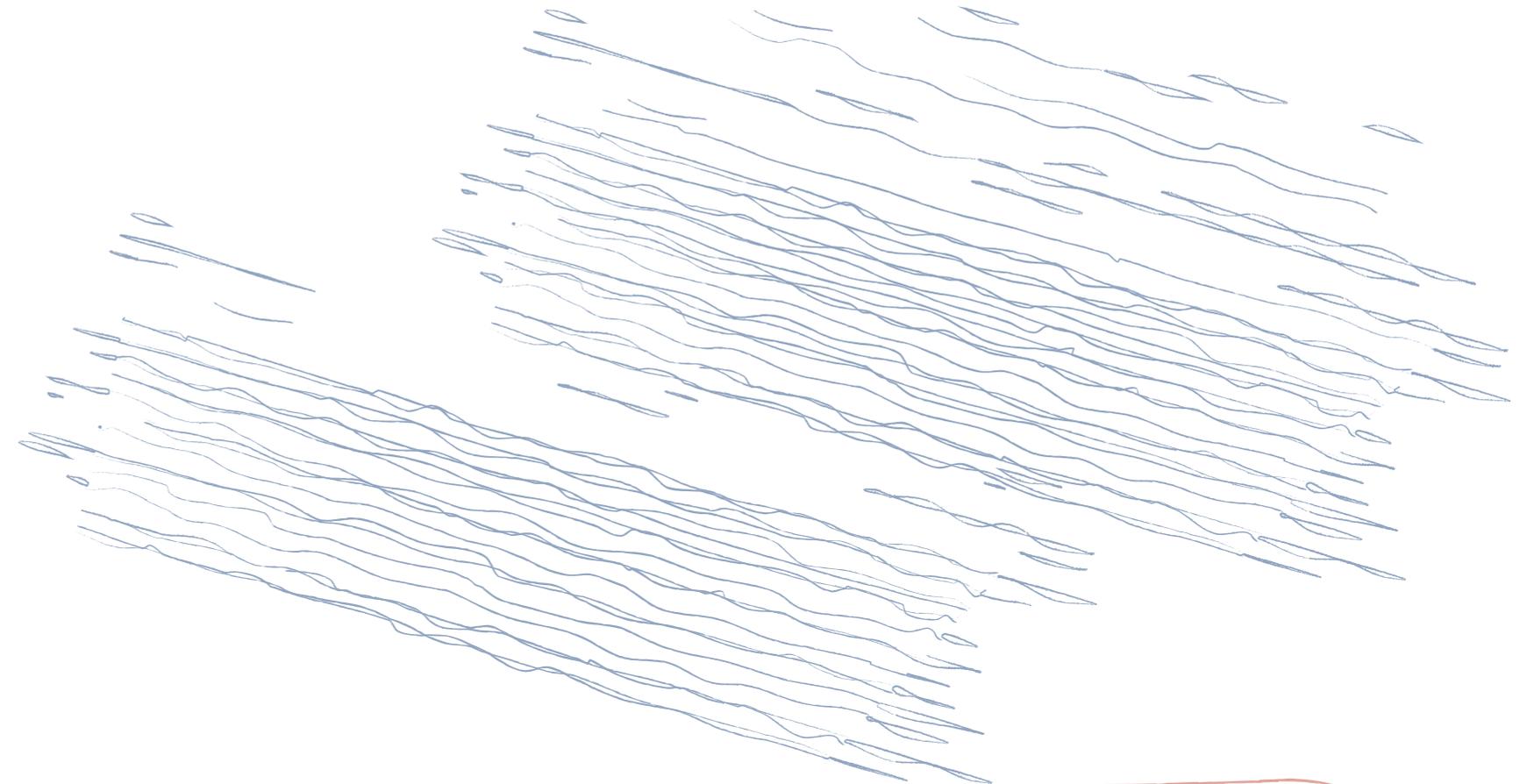
Então chegou o dia de Santa Cecília, ocasião de missa solene em que era necessário usar batina como vestimenta. O rapaz se aprontou e foi para a imensa fila de jovens. Desceriam uma íngreme escadaria com três longos lances até chegar à igreja para celebrar a missa. Chegou pertinho de um colega e fez uma piada que desagradou. Na brincadeira, o outro menino respondeu com uma cotovelada. Ele se desequilibrou com o empurrão e deu um passo à frente. Só que neste passo ele pisou na saia da batina, tropeçou e rolou. Rolou os três longos lances da íngreme escadaria. Foram tantas batidas com a cabeça no chão que quando chegou no último degrau, já não era mais o mesmo. Já não era mais ninguém. E aqui não há nenhuma lembrança, nenhuma memória.

Se a nossa memória vive o fluxo de um rio, para onde ela vai quando o rio seca? Em que lugar se escondem as águas de quem a perde sem encontrar sequer vestígio daquele leito de sabores e dissabores, frustrações e desejos, a linha tênue nos faz singular em terrenos tão plurais? Quando a consciência dorme, ela sonha, caprichosa, seus doces delírios e mais nada acontece. Nadar, era isso que ele fazia. Com uma séria lesão neurológica, foi internado em estado grave sem reconhecer pessoa alguma. Penetrou numa ficção particular onde sua gravidade ficou sem lei e tudo flutuava em azul com rosas. Pelas noites adorava pescar, sentado com o corpo para fora na janela do terceiro andar, lugar de onde só ele via um rio extraordinário para pegar peixe. Com a vara cravada nas mãos, seu corpo se lançava para frente. Naquelas madrugadas o rio inundava o quarto inteiro e era preciso uma equipe de padres para cuidar do garoto. Eles não viam o rio nem nada além de um jovem arriscando sua própria integridade. Nessa época a vida ficou naufragada no nada. Nadava sem passado, sem presente e deixando o futuro escapar junto com o peixe que ele não conseguia prender no anzol.

Foram cinco anos de tratamento. Ele foi transferido para Campos do Jordão até que as águas da ficção encontraram o leito da memória. Com os pés nessa margem, ele abriu os olhos e viu a terra. Era um quintal lindo visto da janela ... janela que lembrava a

de sua casa em Piraju. Olhou e viu uma freira sentada a seu lado rezando o terço e disse “a bênção, irmã”. Com os olhos surpresos e um tanto marejados, a freira chamou todos os médicos e padres do local. Ele havia voltado. E foi assim que ele adormeceu rapaz e acordou um homem.

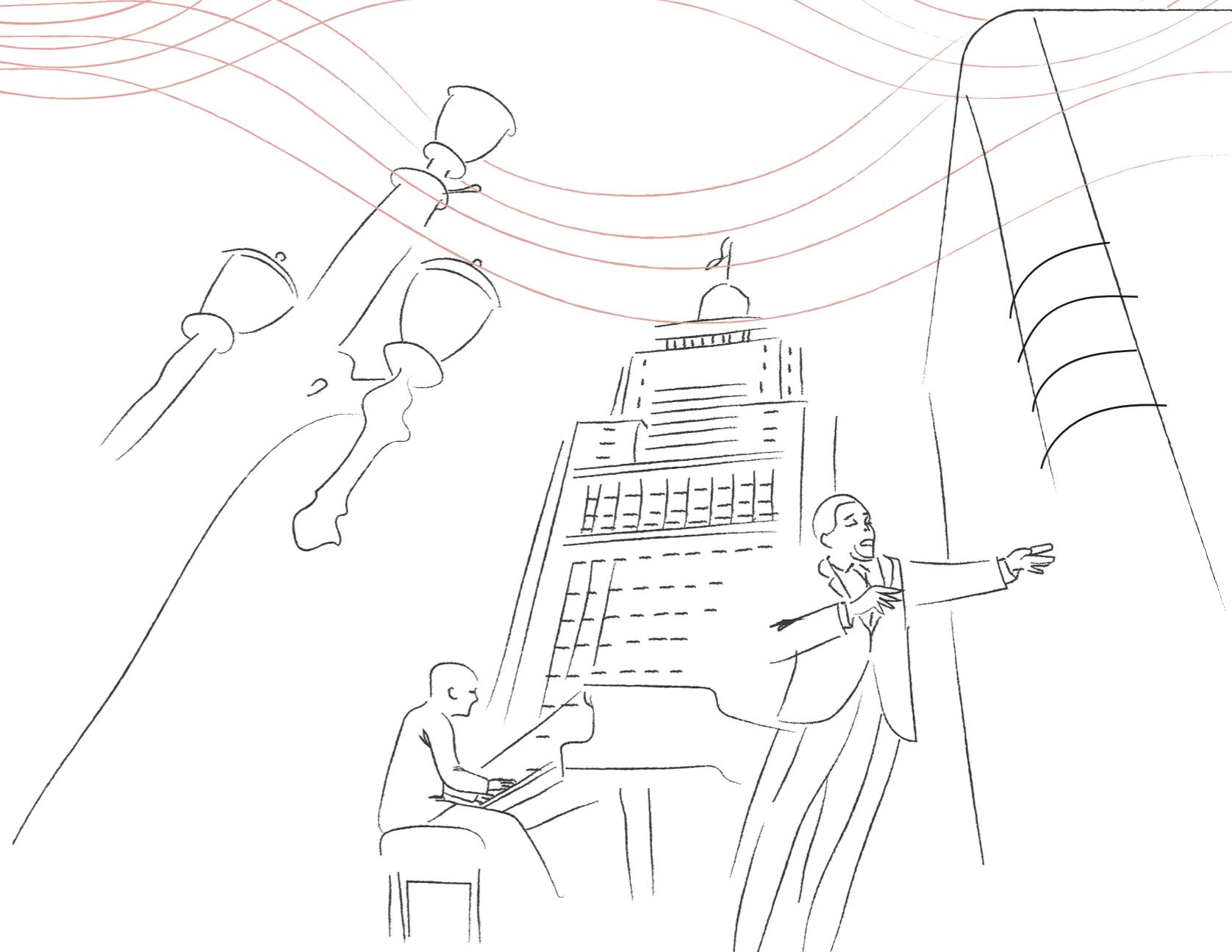
Agora já não dava mais para viver no passado, era preciso uma nova vida. Com apoio dos padres, ele decidiu sair do seminário e ir para São Paulo, onde trabalhou na editora Paulinas. Ali, entre as vendas dos periódicos, sempre sobravam umas edições de revistas culinárias. A porpeta estava lá, e o homem cozinhava tudo o que lia. Os anos passaram e muitos experimentaram suas comidas até o tempo em que seu restaurante criou fama na cidade. Cozinhou em programas de TV e até mesmo para ex-presidente. Ele e as folhas de revistas envelheceram, e o chef escreveu seu próprio livro de experiências gastronômicas. Sim, o homem se lembra de receitas e dos mínimos detalhes do seu passado. Ele se lembra inteiro, pois antes de cozinheiro ele é, sobretudo, um grande narrador de histórias. Despedimo-nos do cozinheiro dos padres com o convite para um futuro almoço e retornamos para a nossa viagem com a certeza de que a memória só guarda o que vale a pena.



ilha da *Música*

Toda vez que descobrimos algo, uma lembrança dentro de nós acorda e fica toda descoberta. Às vezes, para encontrar alguma coisa é preciso voltar um tanto para trás e, um outro tanto, deixar o tempo correr. Nossa viagem também transcorria com o murmúrio do vento assoviando a embarcação. Encantados pela suave sinfonia, avistamos uma ilha tão velha quanto a própria memória. Era a morada de um cantor que permite ser admirado, porém só revela sua intimidade aos que lhe dedicam o tempo, como aquilo que cresce miúdo mas com raízes longas e fortes. Retornamos algumas vezes pelo prazer da escuta e ficamos em estado de “descoberta”.

Encontramos com esse senhor já careca, de fraldas, olhos miúdos e poucos dentes num sorriso livre. O artista estava velho demais para não parecer uma criança.



Contou-nos da sua vida no ritmo de um grande espetáculo, e foi naquela lembrança de um remoto Ceará que as cortinas da Ilha da Música se abriram.

A mãe, grávida do futuro menino, dizia: “Suas irmãs já o esperam”. Enquanto a mãe esperava o bebê, que não sabia o que a vida lhe reservava, o pai, diante daquela barriga pontiaguda comum aos meninos, encostava seu violão na “imensa bola” para a vida nascer melhor. E foi no meio dum Sol que ele veio ao mundo e deu seu primeiro sorriso largo, sorriso que nunca foi desgastado pelos anos. Isso é certo, a largueza do sorriso continua intacta.

Cresceu numa casa grande, mas a varanda tinha a preferência da criança. Ao lado da mesa com toalha de richelieu bordada à mão ficava a cadeira de palha onde sentava-se o pai agarrado ao violão. Esta foi a primeira sala de aula do menino onde, junto com as irmãs, entoava em coro abrindo a segunda voz enquanto a mãe preparava algum quitute. No fim da aula o menino experimentava alguns acordes com os dedos melados de açúcar. Cada nota ecoava um desejo de amanhã que adolescência junto ao corpo do garoto. Ele seguia afinando a toada da vida.

Jovem crescido em família intelectual, decidiu estudar música e psicologia até se tornar professor. Aí a grande São Paulo entrou nas suas notas consonantes. Da cidade de seus sonhos, que acolhe uma imensidão de artistas, ele finalmente recebeu guarida a seus desejos.

Nas noites paulistanas, quando a lua pinta o escuro do céu, é na rua a comunhão de alegria dos boêmios. Nelas, o moço encontrou vivenda para sua poesia. Era na Praça Roosevelt, num antigo cabaré, que o professor de psicologia virava cantor. Foi inesquecível a noite em que a casa lotou para ouvi-lo acompanhado do piano de Moacyr Peixoto. Sim, “o irmão do grande Cauby”. A amizade entre os artistas criou tamanho e eles viraram família. Nos anos seguintes, os palcos paulistanos contemplaram as vozes da dupla ao piano. A vida foi seguindo em viagens, amizades e canções.

Como se faltassem ânimo e festa para a vida, foi numa sexta-feira em que não havia espetáculo que o fato aconteceu. O artista morava num apartamento na esquina

da Teodoro Sampaio, caminho curto para lecionar na Universidade de São Paulo. Em casa, naquela noite quente, um samba entrou pela janela do apartamento, um daquele tipo insistente que faz a gente querer ver a vida de perto. Ele desceu as escadas para ouvir a batucada e viu que tinha cavaco, pandeiro e ganzá, mas logo já não via mais. Na batida das grandes paixões, ele não tirou mais o coração do surdo. Era a música, mais uma vez, dando o tom do seu destino. Naquela noite, perguntou “você morava onde?”. Resposta suprimida, já que pouco importa, “pois a partir de hoje você tem um novo endereço”. E ali o homem engravidou de futuro e se encantou em maravilha.

Assumindo a sua plenitude, o artista tornou-se Maravilha, nome que lhe dava leveza para enfrentar todo e qualquer desafio vindo da estranheza dos olhos alheios. Eles escolheram não casar, somente amar. Sabiam que o casamento é uma invenção dos homens, mas o amor é criação divina.

Mas o destino é sabido, gosta de fazer de artista inspiração para poetizar a humanidade. Assim o poeta serve de exemplo e sua obra vira humana. Depois de oito anos de amor intenso, o homem ficou solitário e a perda de seu amor lhe cravou a bruta flor na alma para sempre cantar saudades.

Lembro um olhar

Lembro um lugar

Teu vulto amado

Lembro um sorriso e um paraíso

Que tive ao seu lado

Para o meu mal

Lembro afinal

Um triste adeus.

Certas canções traduzem nossos sentimentos com tamanho vigor que parecem nossas. Raul Sampaio e Benil Santos emprestam a letra para que o velho artista

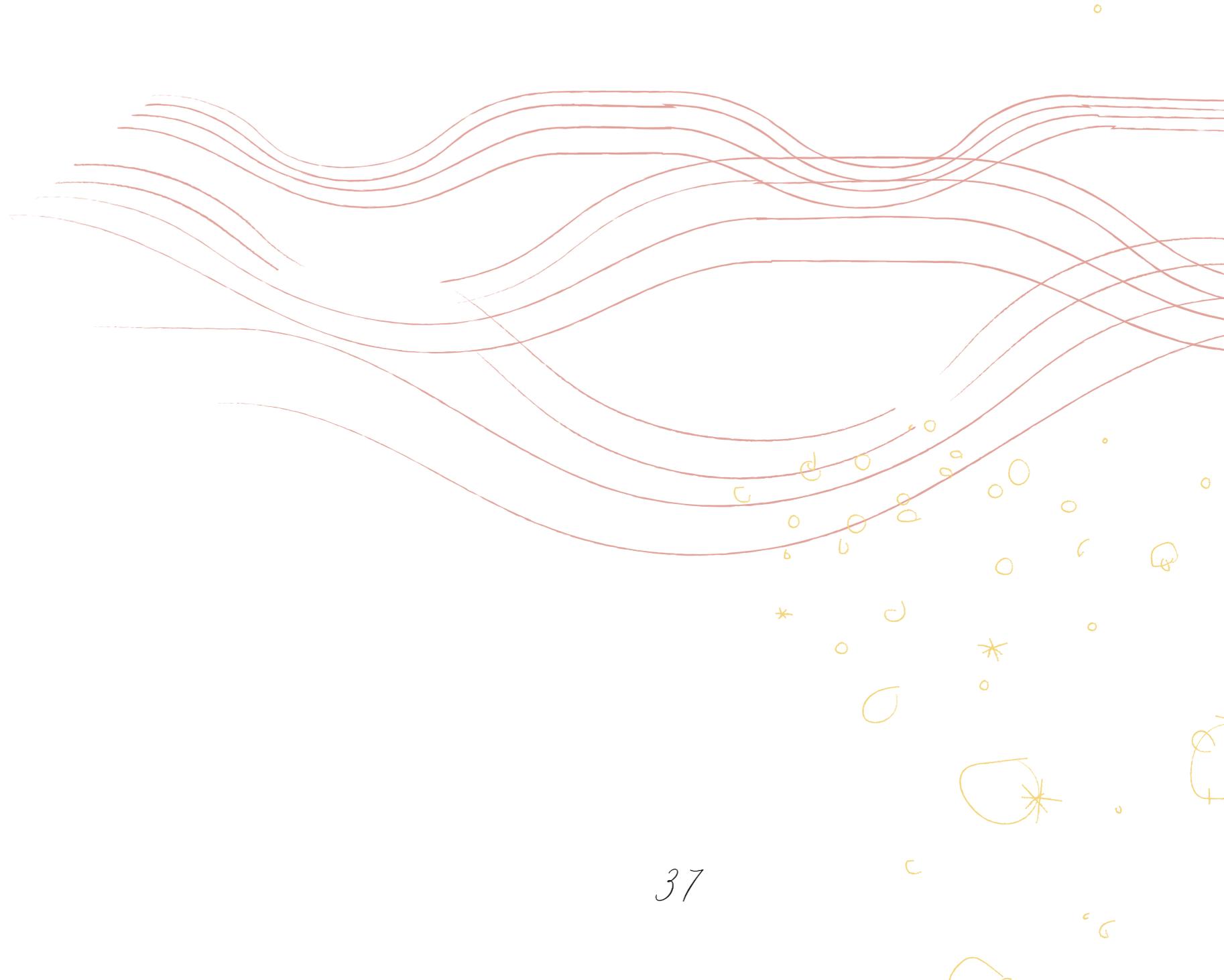
cante suas lembranças fazendo uma maravilha acontecer.

Em nossas visitas ele sempre nos recebeu com aquele sorriso largo desafiador da dureza do tempo. Basta apenas um acorde para convocar a música da alma. Ecoando a voz no espaço, ele desperta moradores de Ilhas vizinhas que, surpresos, chegam para ouvir sua voz eternamente apaixonada. Canta com o frescor da primeira vez e com o desespero da última.

Aplaudimos de pé a encenação de Maravilha. Era tanta intensidade que a vida parecia estar cheia. Quando parou de cantar, fixou os olhos em algum infinito, estava à procura de quê? Depois virou a cabeça levemente para o lado e deu duas delicadas piscadelas, como só os velhos-crianças conseguem fazer. Foi então que nos disse com toda convicção, “a vida é realmente uma maravilha”, e nos presenteou com uma saideira:

*Gracias a la vida que me ha dado tanto
Me dió dos luceros que cuando los abro
Perfecto distingo lo negro del blanco
Y en el alto cielo su fondo estrellado
Y en las multitudes el hombre que yo amo.*

Reverberados na canção de Violeta Parra, despedimo-nos de Maravilha com uma estranha saudade, como se algo se antecipasse em nós pela incerteza do próximo ato.





ilha de Caodiceira

Chegamos na ilhota de madeira tão vagarosos como aquela primavera tardia. Era alvorecer e a pequena ilha estava inteira ladeada pelo Sol. Ali, do mesmo lugar onde desembarcamos, dava para ver que a ilha findava exatamente no fundo do quintal da casa. Naquelas terras, casa e ilha eram o mesmo universo. Mas o desatino deste arquipélago não estava no tamanho e, sim, na quantidade de pessoas que moravam lá: a ilhota estava repleta de habitantes.

Nós, recém-chegados de viagem, rapidamente nos ajeitamos entre as pessoas que riam alto numa grande roda. No centro estava uma mulher negra e alta que gargalhava deliciosamente. Era Lalau, divertindo-se ao sabor da memória. “Meus irmãos lembram de cada coisa de nossos pais!”, ela dizia. Algumas pessoas se recordam de cer-

tos acontecimentos e outros já nem se recordam mais. É que a memória é repleta de caprichos, prega peças guardando coisinhas que não valem nada e esquecendo de outras que são muito importantes. Por isso às vezes nos esquecemos, por exemplo, de pagar uma conta ou desaparece da nossa cabeça o número de um documento quando mais necessitamos dele. Incoerentemente nunca nos esquecemos de pequenos detalhes como o desenho do azulejo de um banheiro antigo ou da sensação dos dedos melados de sorvete derretido no verão. A memória insiste em guardar caprichos.

Caprichosos também foram os progenitores de Lalau que danaram a fazer um considerável número de filhos. O sonho era que a família fosse grande, grande o suficiente para sobreviver. Eram quatro homens e nove mulheres que, somados com mãe e pai, completavam quinze moradores na pequena casa de madeira. O número de pessoas morando no mesmo lugar os condecorava mais como “comunidade” do que como família. E como toda a sociedade, pequena ou não, as pessoas que vivem nela precisam aprender o extraordinário desafio da convivência. Da pilha de regras sociais, Lalau e os irmãos só riem. A igualdade de direitos, de tão vivida, não careceu ser escrita. Para eles, estar junto na ilhota era algo natural, mais precisamente um enorme prazer, “a gente nunca brigou”. A união era o engenho contra a maior prova daquela comunidade, “a pobreza era tanta que nem sei como conseguimos sobreviver”. Isso a memória da mulher nunca conseguiu apagar.

A casa de madeira embalava a infância de Lalau. Sentada na mesa para rabis-car o seu caderno, ela acariciava o ar balançando as pernas que, na época, não alcançavam o chão. Nas folhas de seu caderno Lalau traçou a sua meninice numa delicada cerimônia infantil de desenhar sonhos. Numa tarde, porém, Lalau não encontrou lápis nem caneta. Era comum que nas frestas do velho assoalho de madeira caíssem objetos que iam parar diretamente no porão da casa. A menina colocou os olhos na fresta para ver se conseguia encontrar um lápis, mas no escuro do buraco não era possível enxergar. Se quisesse encontrar o lápis, teria que procurar no porão.

O porão era um mundo à parte, mais conhecido como “o reino da poeira e dos objetos perdidos”. Lá, memória e imaginação não se desassociavam. Lalau empurrou a

porta e os raios de Sol que entraram revelaram um cosmos. O pó disperso em milhares de partículas reluzentes dançavam à sua frente e a atmosfera era tomada pelo som que ecoava de seus próprios passos. Ali, no buraco, tudo tinha uma gravidade especial. Alcançar um centímetro era mover todo aquele pequeno universo.

Olhando para o chão com a atenção de um pirata numa caça ao tesouro, a menina procurava um lápis. Mas os tesouros costumam ser mais surpreendentes do que aquilo que podemos sonhar. Entre a cor seca da poeira e uma imensidão de entulhos, a aventureira encontrou um ninho. Aproximou-se para ver melhor aquela engraçada casa de palha com uma arquitetura toda especial. Um tipo de morada que só as aves podem fazer, onde os ovos, de tão apertadinhos, já nascem convivendo. Eram doze deles aninhados na palha e a galinha não estava! Então Lalau, improvisando um cesto, puxou seu vestido na frente da barriga e recolheu ovo por ovo, ajeitando-os cuidadosamente, e encerrou a sua expedição vitoriosa como uma campeã. Saiu do buraco sabendo que nunca esqueceria aquele dia, as lembranças de um mundo exterior nunca terão a mesma tonalidade que as lembranças de um porão.

Os ovos de textura frágil e branca foram levados diretamente para a panela. Enquanto a água borbulhava, ela ainda comemorava, silenciosa, o tesouro encontrado preparando prato e sal. Depois de cozidos, bateu os ovos na pia para trincar as cascas e abriu todas as suas doze moedas brancas. Sentou-se à mesa ao lado de seu caderno, mas naquele dia não quis desenhar, seus dedos estavam ocupados em levar os ovos à boca. Assim, delicadamente, Lalau devorou, sozinha, com um imenso prazer, os doze ovos cozidos. Parou de comer quando chegou o último ovo e também a dor de barriga.

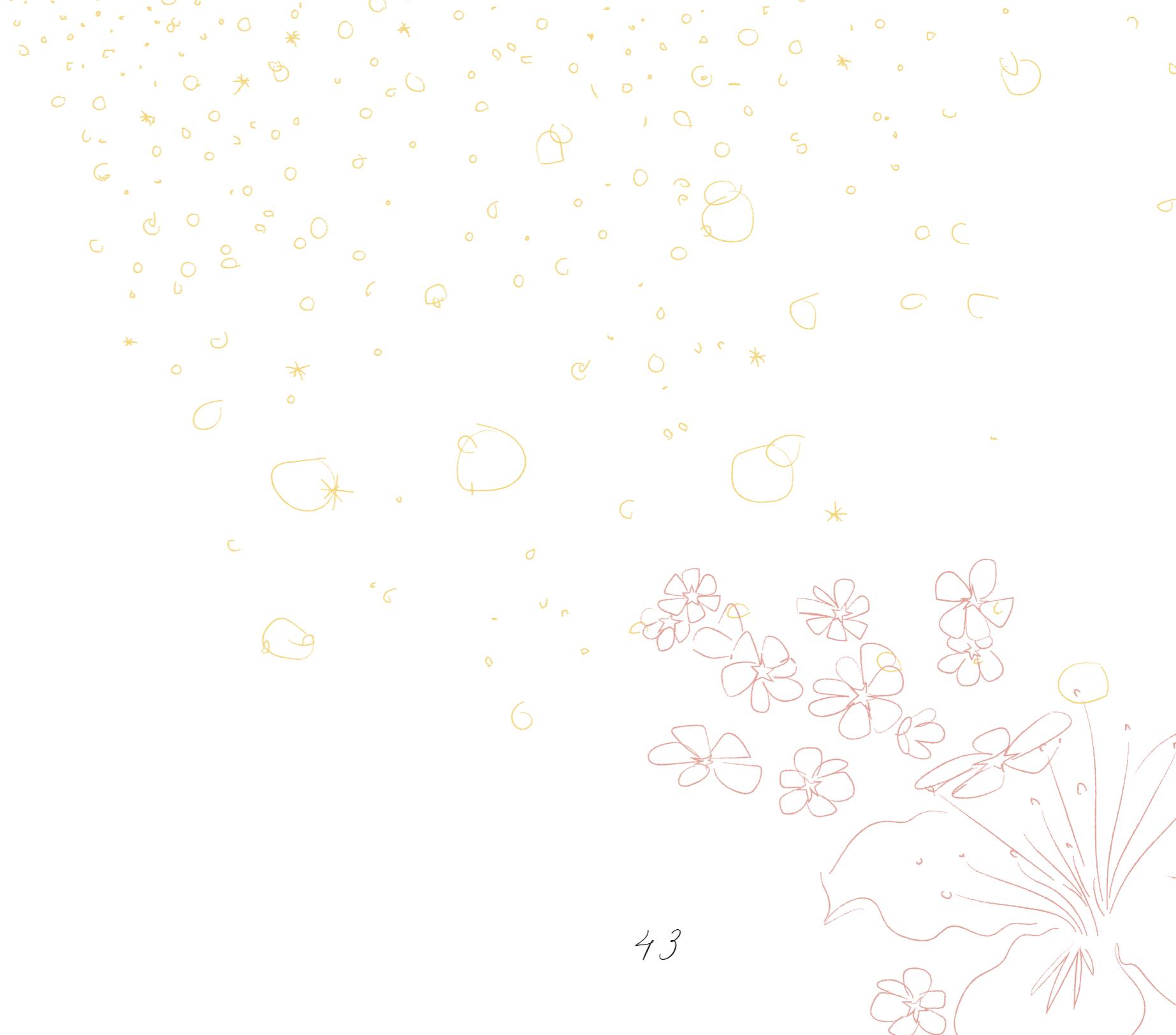
De tanto ovo comido, a menina cresceu primeiro que os irmãos. Tinha onze anos quando sua mãe a conduziu ao primeiro emprego, de maneira a agregar sustento à família de treze filhos. Juntas, mãe e filha andaram pelas ruas à procura de uma casa de família que precisasse de uma faxineira, mas acabaram entrando numa fábrica. Lalau empurrou a porta e os raios de Sol revelaram um cosmos à parte. Eram várias mulheres em máquinas que fabricavam fios de seda, elas dançavam à sua frente. A mãe conversou

com o proprietário dizendo que a menina já podia trabalhar, era muito responsável. O homem lhe respondeu, “se a menina alcançar a máquina, pode ficar”. Lalau passou no teste com seu corpo alto e magro, nutrido pelos doze ovos encontrados no porão.

Passados alguns anos, a menina cresceu e passou a habitar um corpo de mulher. Seu trabalho também se transformou e ela passou a cozinhar em casa de família. Trabalhou no mesmo lar por vinte anos, os mesmos anos em que se tornou mãe e se casou. Mas sobre seu casamento contou pouco, disse que só narraria esta história quando retornássemos na ilha. Na verdade, do marido só disse o suficiente, “tem um coração tão grande que eu não sei como cabe dentro do corpo dele”. Lalau vive um grande amor, outro tesouro raro que conseguiu encontrar.

Ouvir memórias nos pode fazer perder a noção do tempo, já havia passado quase um dia inteiro e precisávamos dar caminho à nossa viagem. Despedimo-nos de Lalau agradecidos por conhecer a linda convivência de sua ilha. Todos continuaram em roda e gargalhavam de lembrar dos doze ovos cozidos, história que alimenta até hoje a pureza da família. Doze ovos e treze filhos. Aquela ilha era como um ninho, feita de arquitetura toda especial.

Quase de partida, à beira mar, vimos a mulher que balançava as mãos num longo adeus. Acenamos para ela já em movimento e ficamos refletindo sobre o nome da Ilha que visitamos. Lembramo-nos da história de uma antiga ilha na Grécia chamada Laodiceia. O lugar ficou conhecido por ter sido destruído por um terremoto e reconstruído pela união dos seus moradores. Daí o nome Laodiceia até hoje significar “aquela que é justa com sua comunidade”. Entendemos qual era o segredo da união natural e amorosa que encontramos na Ilha de Laodiceia, e esse entendimento foi para nós como encontrar um tesouro.



ilha das sakuras

Naquela noite houve chuva no mar e a manhã acordou em névoas, o vento da alvorada fria exigiu que abrigássemos nossos corpos enquanto navegávamos. Nessa viagem, toda alvorada nos chegava um pouquinho mais à sabedoria que mora na aceitação das adversidades. A névoa fabricou uma cortina espessa e, por mais claro que fosse o branco, conseguíamos mirar tons que transitavam do vermelho escuro ao rosa pálido. A imagem borrada hipnotizava nosso olhar e dava margem a mil fantasias que vestissem



o espetáculo à nossa frente. Então, fomos em busca de desvendar os contornos daquela cor. Com a navegação mais próxima, entendemos que estávamos prestes a aportar numa nova ilha. As formas imaginadas foram ajeitando-se nos nossos olhos até que vimos: tratava-se de uma plantação de cerejeiras em plena floração.

Firmar os contornos daquela imagem não vanesceu nosso encanto. A embarcação parou e pisamos na terra com a suavidade que ali imperava, andar naquele lugar era deixar-se levar pela flutuação de uma dança. Nesse caminhar, encontramos o dono da ilha. Seu corpo traduzia o tempo que lhe passou na vida e sustentava olhos cintilantes num lindo *dégradé* branco e rosa.

A ilha era toda cultivada pelas mãos dele que há anos cuidava de todos os detalhes. Ficou perito em perceber amenidades da natureza. Seus pais o iniciaram cedo no trabalho da roça. Com sete anos já plantava feijão, batata, alface, tomate e principalmente café, planta de longevidade e nascença largas, delonga cinco anos do plantio ao fruto. A espera é temperança cultivada entre os que plantam e, enquanto esperava o café germinar, o menino ouvia a história da imigração de sua família entre Brasil e Japão. Foram dois meses de viagem no *Kasato Maru*, originalmente utilizado como navio-hospital durante a Guerra Russo-Japonesa. No final do conflito, a embarcação foi adaptada para ser navio de passageiros e, em 1908, trouxe o primeiro grupo oficial de imigrantes japoneses para o Brasil. A viagem começou no porto de Kobe e terminou no Porto de Santos cinquenta e dois dias depois. Entre as cento e sessenta e cinco famílias que chegaram, estava a dele. Seus pais ainda eram crianças e foram trabalhar nos cafezais do oeste paulista. Essa era a história que ele colhia enquanto crescia junto ao cafezal.

A família renascia nos terrenos tropicais e, mesmo com as atribulações vividas no novo país, a experiência na agricultura garantiu o milagreiro. Na colheita, ele e o pai colocavam os produtos num pequeno caminhão e saíam para vender nas redondezas.

Nessa época germinava uma língua que ia ajeitando-se conforme era inventada. Era um idioma todo novo, nem japonês, nem português, nem senegalês, nem italiano, era o brasileiro que brotava entre as frestas dos desafios. Ele ainda era crian-

ça quando se assustou com a placa exposta nos comércios da cidade, “é proibido falar alemão, italiano e japonês”. Acontece que, no tempo da Segunda Grande Guerra, o governo de Getúlio Vargas proibiu que se falassem algumas línguas estrangeiras. O vermelho ainda brota nos olhos do morador da ilha ao lembrar o aglomerado de livros estrangeiros queimando em enormes fogueiras enquanto pensava, “sou um brasileiro estrangeiro”. Dentro de casa, seus pais falavam japonês cochichando, sussurrando. Ele aprendeu no pé do ouvido a língua de seus ancestrais.

O momento era espinhoso e árduo, mas a cada planta que nascia, novas raízes se aprofundavam neste novo país. A família que conheceu a morte de perto honrava a possibilidade de estar viva. Foi também envolto em amorosidade e perseverança que o morador foi ensinado, desde pequeno, a arquear-se e dizer “arigatô”. Esse gesto de abaixar ligeiramente a cabeça e unir as mãos na frente do rosto preenchia silêncios e palavras.

Mas o corpo do rapaz também se curvou de encanto. Foi aos treze anos quando atravessou a lona estrelada pela primeira vez. Ali, dentro daquele pequeno mundo, orbitavam seres mágicos, adornados, coloridos, gigantes e também anões. Com passos coreografados, vinham em cavalos e piruetas, acompanhados por banda e holofotes. O homem até hoje carrega uma estrela que despencou da lona do circo e caiu nos seus sonhos de adolescente. Entre as grandes atrações mágicas do pequeno circo, havia um número aberto para a plateia mostrar seus talentos. Desabrochando em coragem, ele pegou o microfone e arriscou uma canção soltando a voz que ainda transitava em relevos juvenis. E foi assim que deixou voar sua primavera. A lona do cirquinho semeou o desejo de cantar no pequeno japonês, mas demorou o tempo de um café plantado para crescer e dar seus primeiros frutos como artista.

Com alguns cafés crescidos e já em seus anos maiores, o jovem que crescia foi estudar contabilidade na grande São Paulo. Pagou os custos da nova vida trabalhando por anos numa lavanderia. Na metrópole, fez novas parcerias e seguiu cantando em festas, clubes e eventos. A vida foi desabrochando em plenitude e ele se apaixonou. Entre o estudo, o trabalho e as canções, veio o casamento. Depois de formado, deixou a lavanderia e

assumi somente a contabilidade, época em que nasceu a sua filha. Eram tantas alegrias que a vontade e o fazer do cantar só podiam aumentar. Foi assim que viveu duas vidas: uma de contador, outra de cantador, e ele agradecia a existência de ambas.

Mas quem é do campo sabe que a vida é feita de estações e resguarda o inverno, senhor do padecimento. O homem foi breve em nos contar que a esposa partiu cedo. Ele e a filha respeitaram o fim desse ciclo e deixaram que o tempo atuasse no alívio da dor. É só depois que o cinza renasce em rosa. Do pouco dito sobre esse tempo, ele somente nos pontuou: “Um vaso restaurado tem mais valor, pois suas fissuras contam histórias.”

No Japão, as sakuras, conhecidas no Brasil como cerejeiras, florescem como nuvens. Elas começam a floração no sul da ilha e durante dois meses se movem em ondas até o norte. Nascem e morrem enquanto se deslocam, num fenômeno chamado de Sakura Zansen. O dono da Ilha compreende a efemeridade da vida e frui graciosamente entre as ondas da beleza e finitude.

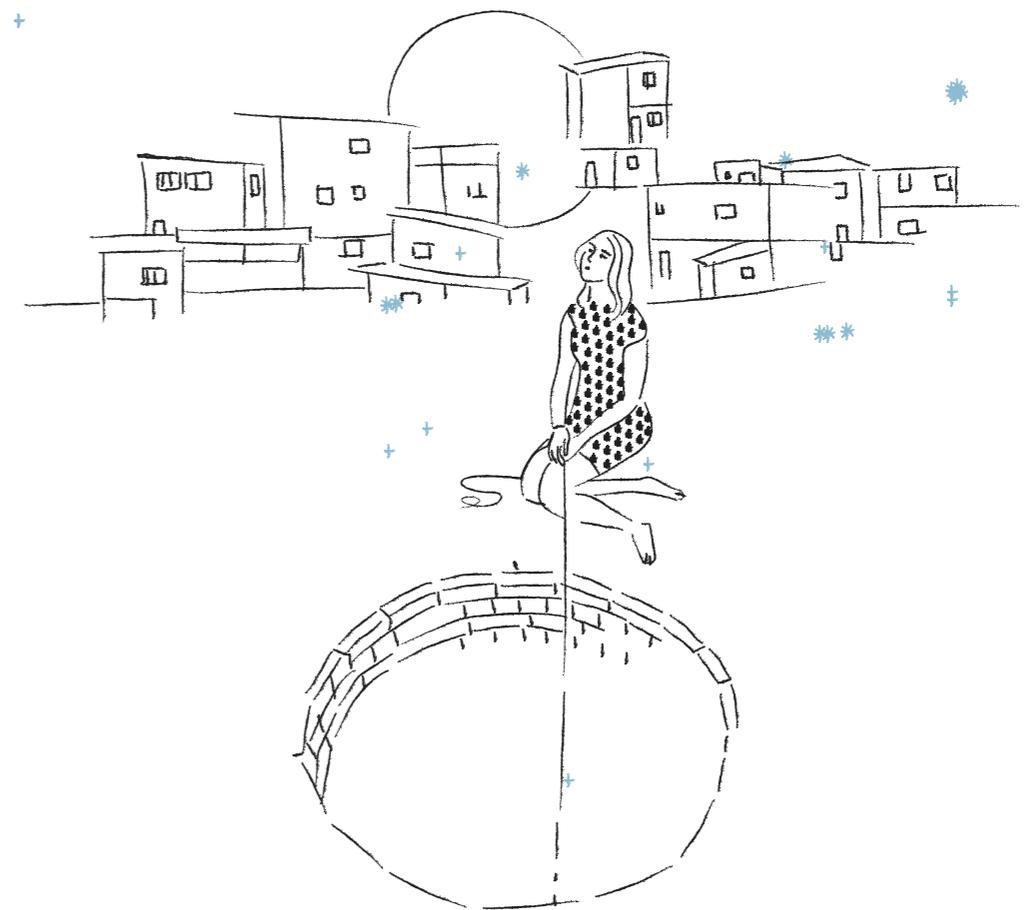
Nos entremeios das memórias que ouvíamos, o violeiro puxava algumas canções para o deleite de nosso anfitrião. Enquanto ele entoava sua voz e batia palmas para a vida, dava para ver ascender aquela estrela de circo que ainda repousa em seus olhos. A Astrofísica nos conta que as estrelas mais velhas brilham com mais intensidade. Assim segue o ancião, nos seus mais de oitenta anos, a carregar sua luz particular que, de tão branda, incendiava. A visita à Ilha das Sakuras nos trouxe uma serena aceitação, saímos lavados dessa candura. Tudo estava bem e no último olhar com o qual nos presenteou, disse “a flor está sempre na semente”.



ilha da tatuagem

Já estávamos viajando uma manhã inteira buscando aportar em um bom lugar quando avistamos uma ilha jovem, com uma estética toda nova e cheia de desenhos modernos. A mulher da ilha viu de longe o violão no corpo do meu parceiro e sorriu, foi o sinal para podermos aportar. Perita em fazer bolos, acabava de tirar do forno o seu preferido. Histórias sempre combinaram com bolos, e foi inevitável a história começar, desta vez, entre pedaços suculentos de uma massa fofa e quentinha com sabor de chocolate.

Antes mesmo de colocarmos o primeiro pedaço na boca, ela nos contou que naquela mesma manhã, antes da nossa chegada, deparou-se com o sofrimento de uma mãe. Com sua criança muito doente, a mulher lutava pela vida do filho desdobrando-se em tarefas e buscando forças para confortar o pequeno. Essa imagem fez morada nela. “Nunca podemos imaginar a dor que o outro sente”, refletiu. Aquele sorriso resoluto se guardava em um semblante peculiar, tinha alicerces que só aqueles que conhecem muito bem as intempéries da vida foram capazes de firmar. Seu corpo ilustrava cicatrizes deixadas pelos ritos que passou, as marcas desenhadas na pele maculavam virtudes. Certa,



ela nos disse, “se querem história de vida, escrevam a minha!”. Nós redobramos a escuta, e ela, a lembrança, que veio em forma de problema.

Ela se mudou para a rua dele. Ele era amigo do irmão mais velho dela. Ela se apaixonou por ele, mas ele já tinha uma namorada. Ela, que só pensava nele, precisava conseguir um jeito de conquistá-lo. O desafio era grande, já que ela não era o tipo físico preferido dele. Então ela descobriu que ele era bom de matemática, a matéria preferida dela, e aí veio a estratégia da sua primeira equação. A matemática é a ciência que estuda, por método dedutivo, objetos abstratos e as relações existentes entre eles. Deduziu que o objeto abstrato da paixão poderia ser a relação existente entre eles. Então ela usou a seguinte variável: inventou que tinha dificuldade na matéria e precisava de aulas particulares, mesmo sendo uma das melhores alunas da turma. Fato que até então, e para a sorte dela, ele ignorava. Conforme as aulas foram sucedendo, ela foi tornando-se a melhor aluna dele, não somente porque era a única, mas por ser muito inteligente. Só que havia um problema que essa matemática não solucionava: quando a aula terminava e ele ia embora, toda a alegria dela era subtraída a uma vida sem cor. Um problema matemático pode ter uma solução, diversas soluções ou mesmo nenhuma solução. Mas a lógica baixou a guarda para que o amor pudesse tomar a frente. Com pontos simples e claros, ele olhou para ela e viu não uma aluna, mas uma jovem mulher. E assim a história deles começou, somando.

Pelo que é lógico, não demorou para começar uma sequência de adições requintadas, e para espanto dos físicos de plantão, ela logrou comprovar que dois corpos podem, sim, ocupar o mesmo espaço. Desafio relativamente simples, dado que no seu corpo batiam dois corações que já se amavam. A multiplicação trouxe o casamento, nascido junto o primeiro filho. Com o falecimento da sogra, foram todos morar juntos na mesma casa. E veio aquele batidão dentro do ventre de novo, anunciando o segundo filho. Então eram dois filhos, um marido, um cunhado, um sogro e mais outro cunhado, ou seja, seis homens e uma mulher. Para o resultado exato dessa conta, ela deu o nome de “família”, a implicação mais saborosa do encontro de um mais um.

Foi aí que as provações iniciáticas de seu rito começaram a acontecer. Era necessário abandonar aquele mundo já conhecido e cruzar um portal. Travessia que lhe exigiria forças que talvez nem ela soubesse que possuía. A jornada principiou quando seu marido, solitariamente, transitou para o mundo subterrâneo, a cada degrau que descia se perdia um pouco mais. O encontro com esse fundo oco foi guiado pelo uso de entorpecentes, venenos que distorcem e corroem a noção do “eu”, preenchendo-a com alucinações tão fugazes quanto traiçoeiras. Seu marido caiu fundo e se tornou dependente químico.

Cada nova estação era assombrada por um novo recomeço. Triunfar nessa jornada mítica não seria fácil. Para remir o homem que amava seria necessário desbravar da aurora ao poente. Nesse percurso, trazia na memória a história de sua própria mãe que havia sofrido com o alcoolismo de seu pai. Era um espelho difícil de encarar, mas enfrentou firmada no propósito de ver crescerem seus filhos e seu amor por ele. Enfrentou também de mãos dadas com ele, que embora inebriado e perdido em caminhos escusos, nunca extravasou nela a violência engendrada.

Foram tantos empregos que ele abandonou, e tantas as festas familiares de que desapareceria. Ela, sem fazer muitos alardes, foi provendo a família e sempre dava um jeito de vencer as pelejas. Sem esconder nada de seus filhos, repetiu centenas de vezes, “seu pai só está doente, isso vai passar”. Nem a parte mãe nem a parte esposa desistiram do homem, e mais ainda, ela nunca desistiu de si mesma. Entre dias e noites, seguia jogando sua corda de amor no fundo do poço para tentar reavê-lo mas, sem conseguir enlaçá-lo todo — apenas fragmentos do marido —, ele logo se desatava e despencava novamente.

Como os socorristas que se embrenham no fogo ou em águas bravias, também aqueles que buscam resgatar alguém do submundo se lançam aos perigos dessa atmosfera. Estar próximo é um risco, mas a distância e o desconhecimento jamais transformaram o olhar de ninguém. Foi preciso cruzar o limiar e adentrar o portal para tentar trazer de lá seu companheiro. E então a mulher encontrou a maior provação de seu rito. Do mundo clandestino onde o marido habitava veio a contaminação: ela havia sido infectada pelo vírus HIV. E essa história poderia terminar se nela o amor não fosse soberano. “As

peessoas me diziam que eu era uma santa. Eu respondia: não sou santa, todos nós temos nossos defeitos, só precisamos de ajuda.”

Assim como nas grandes trajetórias heroicas em que emergem ajudas mágicas, toda pessoa necessita de aliados. Ela encontrou apoio nas missas e, no processo de auxiliar na cura do marido, foi aprendendo a se curar.

Veza ou outra, quando a dúvida cresce como um muro e o unguento se faz necessário para apaziguar a dor das feridas, buscamos o horizonte como caminho. Ampliamos nosso foco em outras imensidões percebendo a pequenezza diante da vastidão do mundo. Olhando o céu, ela não encontrou uma estrela, mas sim um manto estrelado. Nossa Senhora Aparecida, símbolo da grande mãe e arquétipo da compaixão, veio acalmar o seu pranto e fez adormecer o seu medo. Em seus atributos simbólicos é a Madona Negra Aparecida quem rege a energia telúrica e a força das emoções, o ventre da Mãe Terra é berço e é túmulo, é o início e o fim, a vida e a morte. Com as estrelas de seu manto noturno, as aflições da história começaram a abrandar e as cavernas do seu inconsciente fulguraram no límpido brilho estelar. Já estava na hora de retornar.

Num certo domingo, quando o marido a deixava na porta da missa, decidiu atravessar a porteira e entrar na igreja. Foi ali que ele cruzou um novo portal. Na metamorfose do ciclo vicioso para o virtuoso, o homem contou com a força e o tempo para limpar corpo, mente e coração. É comum que certos ritos de passagem nos deixem marcas profundas para nos pontuar o fim da travessia. E como contravenção às cicatrizes de outros tempos, ele decidiu marcar seu corpo com uma nova e tatuou o desenho do Santo Homem Renascido, porque os deuses míticos nos inspiram assim como nós também inspiramos os deuses em nossas provocações mais profundas. A marca no corpo era a ressurreição na história.

A segunda tatuagem cicatrizada nele foi uma imagem de Nossa Senhora. O filho, que acompanhou a trajetória do pai, decidiu fazer uma tatuagem idêntica e presenteou a família com a surpresa. O resultado foi que ela, mãe e mulher, também decidiu tatuar a Santa Mãe e registrou as iniciais de toda família sob seu manto. Depois o marido cicatrizou em seu corpo a gratidão, simbolizada numa coroa em homenagem à esposa. Outras marcas

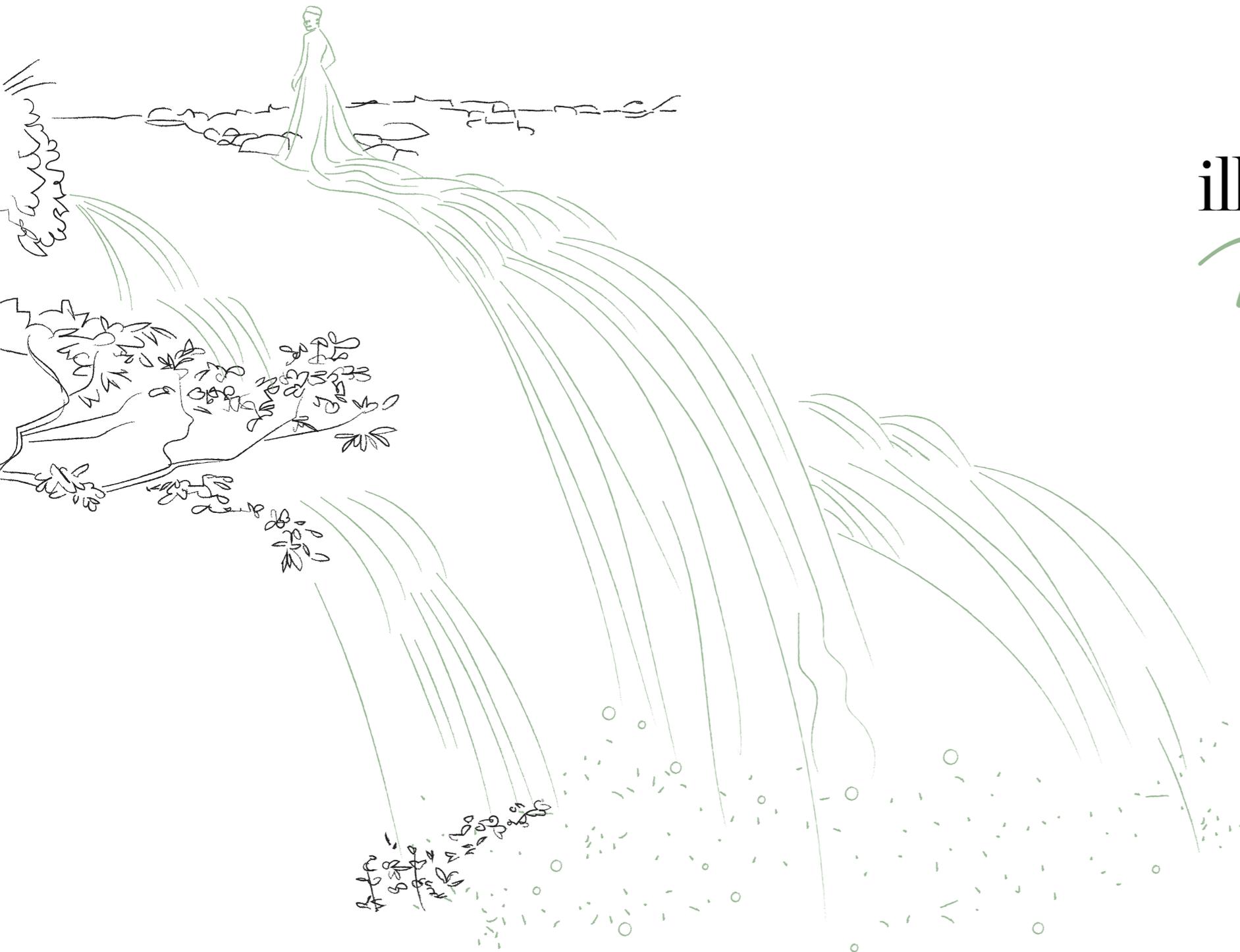
tatuadas vieram. Cada uma contava uma parte da história. O filho mais velho, que mora na Austrália, tatuou a frase “eu caminho em pé”, e o pai, em espelho ao filho, gravou na pele a mesma frase. Eles caminham exibindo de maneira bela as marcas que narram a família.

Com o retorno do marido, ela teve cada milímetro de seu ser preenchido por uma enorme onda de endorfina e serotonina, tudo o que pudesse representar pequenos-grandes estados de felicidade. Compraram uma casa grande o bastante para prazerosos almoços nos fins de semana, comemoraram muito a vida e fizeram viagens para conhecer os países nos quais seus filhos foram, cada qual, morar. Teve ainda o inesquecível cruzeiro no mar azul.

A lembrança do mar nos fez perceber que era a hora da despedida da Ilha da Tatuagem, e o fizemos com um demorado abraço, laço silencioso de agradecimento. Foi uma honra conhecer essa mulher e sua história. Saímos de lá olhando as marcas que carregamos em nossos corpos e gratos pela existência de cada uma delas. Pensamos no medo de descer no subterrâneo e na suspeita de que é lá onde mora nosso inimigo mais poderoso: nós mesmos. Os corajosos moradores da Ilha fizeram a travessia e juntos se tornaram heróis. Alguma coisa morreu nela, alguma coisa morreu nele. E por esse mesmo motivo, algo nasceu neles. Essa era a lógica matemática perfeita, a solução do problema.

Nós já estávamos longe quando voltei meu olhar para a Ilha e pensei, “aquele sorriso luminoso deve estar tatuado no rosto dela”, um desenho que não nega a sua história, pois ela sabe que é isso que a faz “caminhar de pé”.





ilha das Noivas

Em nossa viagem de ventania, não falávamos mais do início desta travessia. Nessa altura, não olhávamos mais para trás nem tínhamos saudades do que éramos quando começamos a navegar. Gratos pelos aprendizados que nos transformaram, velejávamos em constante descoberta sobre esse nosso novo estado. Eu seguia com o lema deixado por minha avó: “Vou aonde o vento me leva, mas se por um acaso ele deixar de ventar, eu mesma assopro.” Ar é uma questão de ir. E lá se foi mais um dia ventando um novo encontro. Era quase o final de nossa viagem quando chegamos numa Ilha que tocava a fronteira de vários Estados: Bahia, Paraná, Minas Gerais e São Paulo.

Quem nos recebeu foi um homem todo encruzilhado por culturas. “Sou filho de baiana, mas eu sou caipira”, apresentou-se. O dono da ilha era a união de sua herança, um ponto cruz bordado por múltiplas tradições. Aí residia a força da história que ele carregava. Um mineiro é, antes de tudo, um contador de histórias. Assim, sua parte



mineira nos aconchegou naquela ilha cujo nome anunciava muito a contar. Para nossa surpresa, a Ilha das Noivas era zelada por um homem.

E logo principiou a dizer de sua vida através de uma mulher. “Toda vida começa por uma mulher”, falou, confirmando a natureza de onde partem as histórias. E no seu parto só havia mulher mesmo, um homem abandonou sua estirpe cedo demais para ser chamado de pai. Foi o nascimento de uma família completa: filho e mãe. A baiana criou o menino carregando com toda altivez o fruto amado de seu ventre. Enquanto ele contava, lembrei mais uma vez de minha avó: ela não era a única Maria que assoprava o leme da própria vida.

Ele tinha sete anos quando a família se mudou para São Paulo. A cidade crescia junto com o menino que trocou a bola de gude pelo trabalho. Para ajudar a mãe, começou a limpar escritórios. Ela fazia o serviço pesado e ele se responsabilizava por pequenos afazeres, “eu ficava com as lixeiras”. Depois da jornada de trabalho, atravessavam as ruas de mãos dadas para pegar a condução e retornar à pequena casa de duas pessoas. Não demorou muito para o corpo do garoto ganhar o tamanho que precisavam ter os mensageiros. “Este era o nome que na época davam aos office-boys.” Nesse trabalho, a cidade alargou na intensa velocidade de uma metrópole. Seja de ônibus, de trem ou a pé, o rapaz também se alargava enquanto corria entre Lapa, Brás, Bexiga e outros bairros que o batente exigia.

Era primeiro de fevereiro, logo de manhã cedo. Do ônibus em direção à Nove de Julho, ele estranhou o som das sirenes. Carros de bombeiros e ambulâncias costuravam como podiam o trânsito parado da rua Florêncio de Abreu. Preocupado em chegar ao seu destino, olhou pela janela. Ardeu num misto de alívio e desespero. Sua entrega era no edifício Joelma, o qual via queimar à sua frente naquele trágico incêndio da década de 1970. No céu se erguia uma imensa nuvem cinza inflamada pelo vermelho do fogo. “Nunca me esqueci daquela imagem, foi um horror. Fiquei preso no trânsito. Lembro que meus patrões, coitados, quase tiveram um infarto porque eu nunca retornava daquela entrega.”

Foram tantos os sentimentos que pulsaram no rapaz que demorou para sua tristeza dissipar. Somente as águas salgadas puderam lavar a imagem da nuvem cinza. Então, quando sábado chegava, o moço mais crescido arrumava as malas e aportava na Praia Grande. Passava a noite num cantinho de um bar em que era freguês e do dono se fez amigo. Arrumava um lugarzinho e “repousava ali mesmo, o que eu queria era ficar assistindo à vida na frente do mar”.

Nosso anfitrião se demorava narrando sobre como “virou homem” na cidade grande, mas sabíamos que, sendo o guardião da Ilha das Noivas, ele certamente abrigaria uma história de amor. Até que suspirou e começou a contar da mulher que o vento lhe soprou. Foi num baile que se conheceram. Logo depois da dança, empolgado com a beleza do movimento dos corpos, tomou coragem para convidá-la ao cinema. No dia marcado, ele a esperava na porta com os bilhetes em mão quando a viu lá longe virar a esquina. Ela, ao olhar para o moço, sentiu seu corpo todo tremer. Era o receio de assumir compromisso. Num piscar de olhos o caminhar vagaroso da moça se transformou em disparada. Ela fugia correndo pelas ruas em direção a sua casa. O homem nos contou rindo o desfecho do encontro: “Feito filme de cinema eu corri atrás dela pra tentar conversar, e foi aí que eu aprendi o caminho da casa dela.” Amorosa lembrança. A moça era o sonho dele, e é sabido que quem namora não mora, mas quem casa quer casa. Não tardou a acontecer, com aliança em mão, o pedido de casamento.

A família dela morava no município de Cornélio Procópio, então viajaram os dois para oficializar o pedido de noivado aos pais da moça. Depois de apresentado a todos num jantar de gente simples, foi marcada a data do casório e também o local. Aconteceria ali na pequena cidade do Paraná, para que todos da família pudessem prestigiar. Os preparativos foram providenciados juntando panelas entre os familiares para fazer o banquete com o que tinham, já que eram todos desprovidos de dinheiro, mas enriquecidos de amor. O vestido da noiva estava garantido, a futura esposa trabalhava na antiga Rua das Noivas em São Paulo, era costureira especializada em fazer engrandecer a beleza no matrimônio. Iria agora costurar a benquerença no seu. E foi assim que a pró-

pria noiva colheu algumas pérolas do céu e prendeu no seu tecido cândido. Costurou seu vestido sob a medida de seu amor.

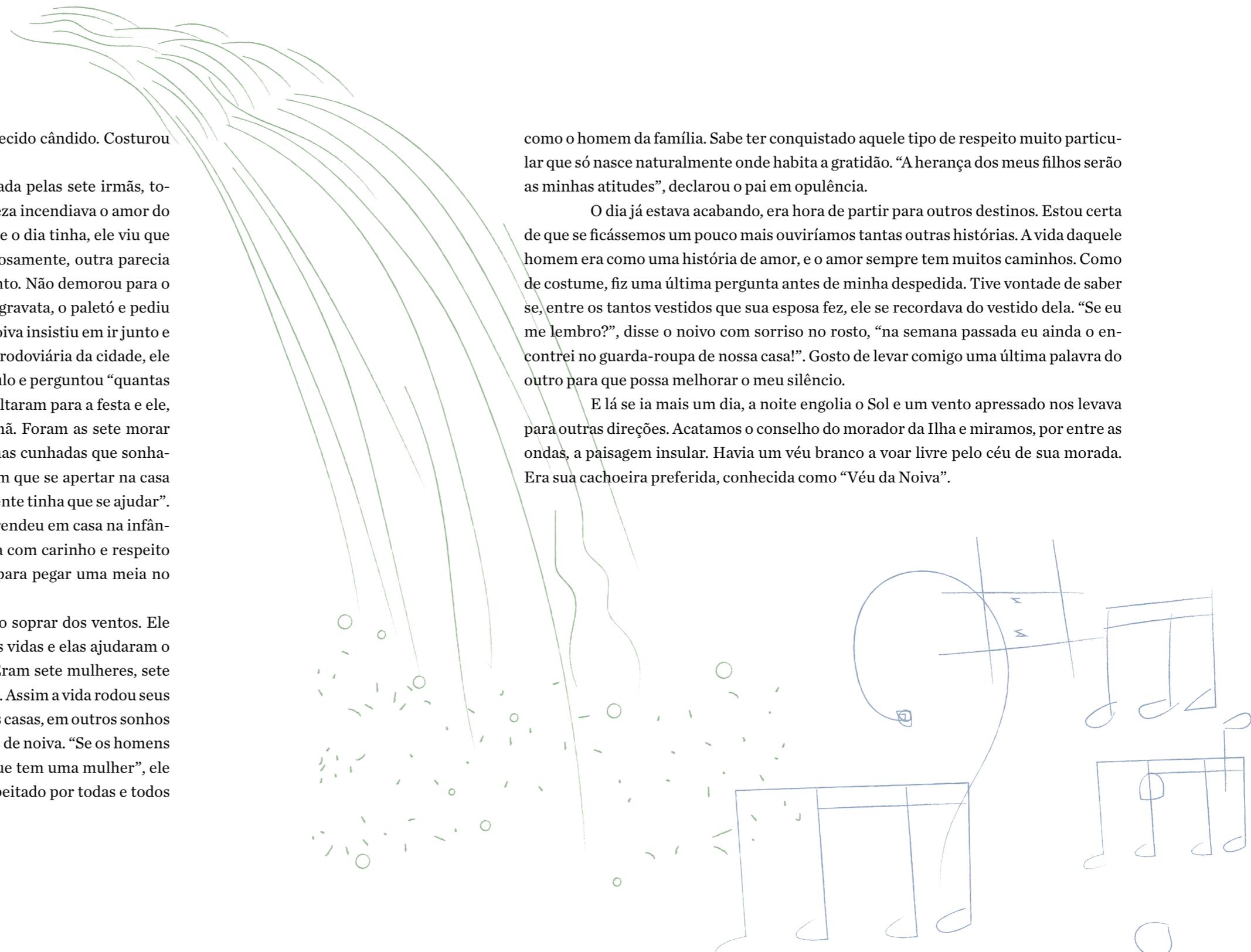
No dia do casamento, ela foi delicadamente adornada pelas sete irmãs, todas muito emocionadas. A noiva era o sonho da festa, sua beleza incendiava o amor do noivo, mais bonita não havia. E mesmo com toda a alegria que o dia tinha, ele viu que as cunhadas estavam muito tristes. Uma delas chorava copiosamente, outra parecia estar num enterro, eram, no total, sete irmãs e todas em pranto. Não demorou para o noivo entender a situação. Numa decisão certa ele tirou a gravata, o paletó e pediu ao sogro o carro emprestado avisando que não demorava. A noiva insistiu em ir junto e tirou o vestido colocando uma camiseta simples. Pararam na rodoviária da cidade, ele foi até o guichê da empresa que fazia o trajeto Paraná-São Paulo e perguntou “quantas passagens o senhor tem para amanhã às onze?”. Os noivos voltaram para a festa e ele, pessoalmente, deu de presente uma passagem para cada irmã. Foram as sete morar com os recém-casados. “Nossa lua-de-mel foi ajudar as minhas cunhadas que sonhavam melhorar de vida na cidade grande.” Nessa época tiveram que se apertar na casa que já era pequena, “nenhum de nós tinha dinheiro, então a gente tinha que se ajudar”. Foi então que esse homem-feito colocou em prática o que aprendeu em casa na infância. Sempre com a memória de sua mãe acesa, ele caminhava com carinho e respeito entre as mulheres de sua nova família. “Nunca nem entrei para pegar uma meia no quarto das minhas cunhadas”, conta.

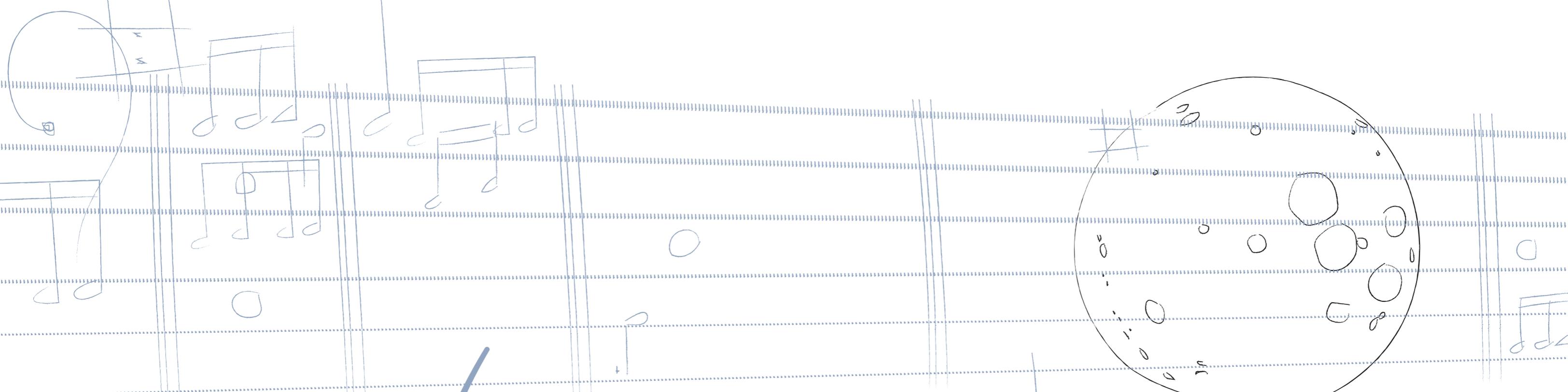
O tempo foi passando e a vida se transformando no soprar dos ventos. Ele e a esposa ajudaram todas as mulheres da casa a criarem suas vidas e elas ajudaram o casal a criar os filhos deles quando os pequenos chegaram. Eram sete mulheres, sete emoções, sete menstruações por mês, sete tias para seus filhos. Assim a vida rodou seus dias até todas conseguirem continuar suas histórias em outras casas, em outros sonhos acontecidos. Foi a esposa dele quem preparou os sete vestidos de noiva. “Se os homens soubessem a dor de apenas uma cólica, já saberiam a força que tem uma mulher”, ele afirma. Disse-nos que não enriqueceu de dinheiro, mas é respeitado por todas e todos

como o homem da família. Sabe ter conquistado aquele tipo de respeito muito particular que só nasce naturalmente onde habita a gratidão. “A herança dos meus filhos serão as minhas atitudes”, declarou o pai em opulência.

O dia já estava acabando, era hora de partir para outros destinos. Estou certa de que se ficássemos um pouco mais ouviríamos tantas outras histórias. A vida daquele homem era como uma história de amor, e o amor sempre tem muitos caminhos. Como de costume, fiz uma última pergunta antes de minha despedida. Tive vontade de saber se, entre os tantos vestidos que sua esposa fez, ele se recordava do vestido dela. “Se eu me lembro?”, disse o noivo com sorriso no rosto, “na semana passada eu ainda o encontrei no guarda-roupa de nossa casa!”. Gosto de levar comigo uma última palavra do outro para que possa melhorar o meu silêncio.

E lá se ia mais um dia, a noite engolia o Sol e um vento apressado nos levava para outras direções. Acatamos o conselho do morador da Ilha e miramos, por entre as ondas, a paisagem insular. Havia um véu branco a voar livre pelo céu de sua morada. Era sua cachoeira preferida, conhecida como “Véu da Noiva”.





ilha das cordas

Contando com a sorte de sermos encontrados, nos permitíamos ocasionalmente sair ao léu brincando de “o que a vida tem pra hoje”. Confiamos que alguns encontros estão amarrados ao nosso destino e, não à toa, chegamos numa ilha onde o violeiro foi recebido com intimidade. Ele e o habitante do local eram amigos de longa data mesmo sem nunca se terem visto. Foram as cordas do violão que enredaram nossas histórias, a música transmutada em destino.



Primeiro cantamos e, na harmonia de nossos tons, a história se abriu. O morador da Ilha nos contou que as cordas do violão lhe traçaram o caminho desde menino. Neto de violeiro, as férias na casa do avô produziam aquela festa para o gosto do garoto. Na soleira de uma casa antiga, para a desesperança de sua mulher, o homem puxava assunto longo com a música. O avô era seresteiro na Bahia e quando saía de casa com o violão no corpo, a avó já sabia, demorava mais uma semana para voltar. Depois de dias brincando melodias, saciado, o avô guardava o violão encostado ao lado do guarda-roupa. O garoto não tinha a ousadia de esticar seus dedinhos até a madeira reluzente, mas olhava para o objeto com tanto desejo que era por um fio que seus olhos não tocavam o violão.

Distantes das terras onde descansavam nas férias, ele e o irmão cresciam na grande São Paulo. Quando anoitecia, as ruas os chamavam a viver o direito da juventude. Como ele era o mais novo dos irmãos, tinha que contar com a persistência para conquistar cada saída. “Mano, deixa eu ir!?” Era apenas se o irmão mais velho concordasse em tomar conta que o pai autorizava a ida do caçula. Depois de todos os acordos, os garotos iam para a rua acompanhados de uma turma de amigos. Não muito longe de casa, eles tinham tudo de que precisavam: algumas garrafas de refrigerante, um violão e uma coleção da revista *Cifras*. “A gente enchia a cara de refrigerante e ficava jogado na calçada tocando *Legião*.”

Metal contra as nuvens, Hoje a noite não tem luar e o hit *Que país é esse?* orquestravam violões e vozes entusiasmadas pela noite. Com seus corpos encostados no muro, acompanhados da coleção de revistas compradas na banca de jornal, cantavam *Faroeste caboclo* até a euforia virar sono. Passavam a madrugada ao relento e só despertavam com o raiar das seis, “o primeiro que acordasse ia chamando os outros”. A rua era o conservatório da turma que foi aprendendo, deliciosamente, a tocar a vida mesmo no desafino. Muitas notas foram aprendidas naquela época entre irmãos, amigadas e a *Legião*.

Depois de tantos ensaios nas madrugadas com os amigos, enfim ele estava pronto para o público. E foi na curtição de festinhas e bailes, sob o som de suas cordas, que viu a moça por quem se apaixonou. Era o amor querendo acontecer. O moço até

tinha o traquejo e o violão — um grande amigo nos casos de não saber onde colocar as mãos —, mas quando o desejo chega com muita força, atrapalha o tom e as ideias, e nos acabamos esquecendo de coisas muito simples, já ensaiadas em outros lençóis. Então, numa noite em que o violão descansava, o beijo aconteceu. Nessa época ocorreu do músculo de seu coração sofrer dilatação sem retorno. Aumentaram todos os espaços de sentimento, caso de coração que cardiologista não resolve. Ele abriu a vida para a mulher entrar e a mulher ficou dentro dele. Já não seria possível retirar do corpo aquela parte que lhe fazia tamanho sentido. Agora, seria impossível sem ela.

Para o homem, tocar a falar sobre a mulher de sua vida era inevitavelmente retomar a imensa admiração que tinha pela força da pequena. Antigamente a palavra pequena era associada à namorada, mas no caso dessa mulher ambas as palavras, pequena e força, traduziam bem o que ela era. “Um metro e meio de pura violência”, foi como ele a apresentou. O homem ria, mas estava certo no que alegava. Logo depois do que lhe aconteceu no coração, para o conforto do amor nascer melhor, eles trocaram as alianças e aumentaram a intimidade.

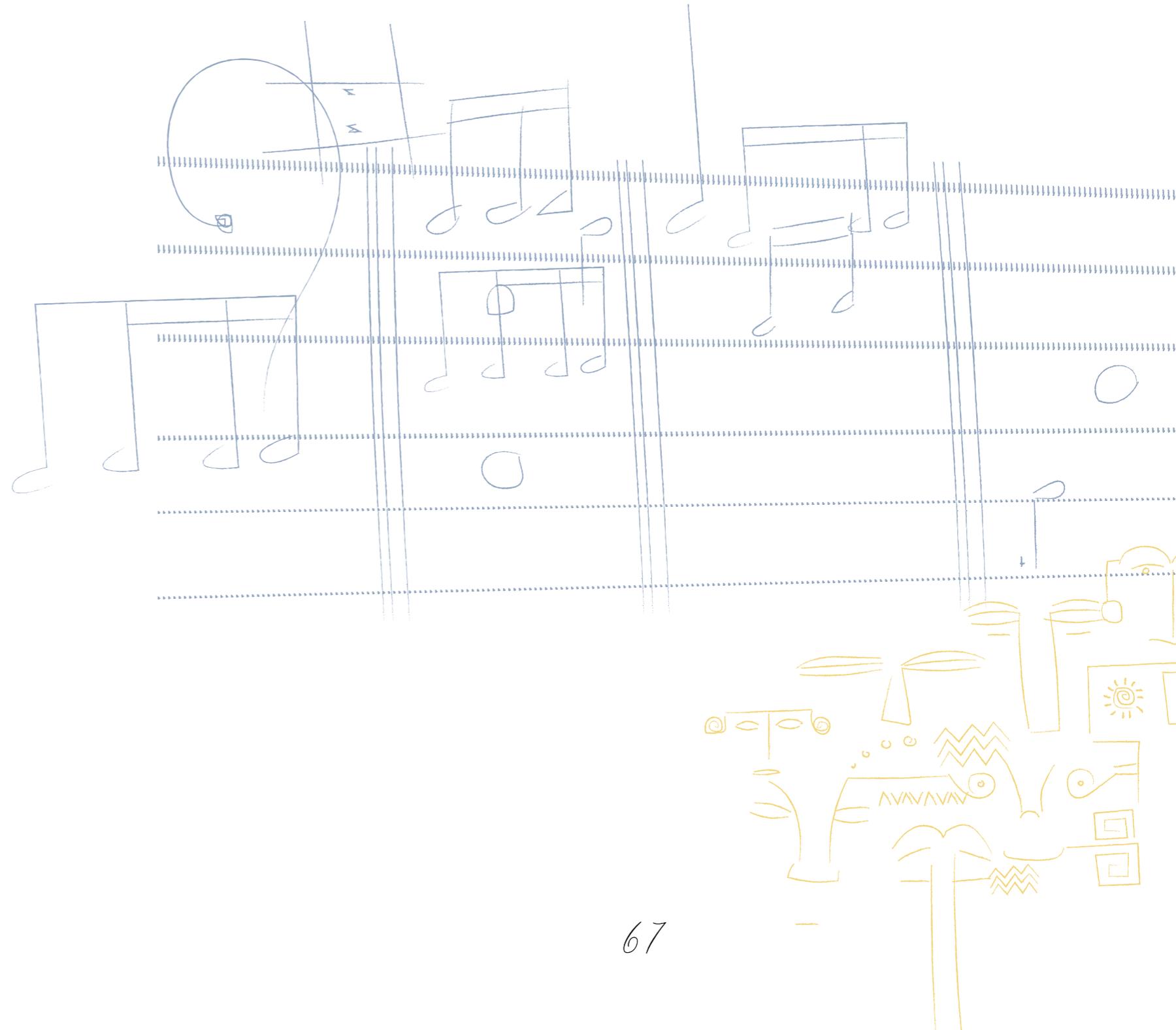
Viviam juntos sonhando o sonho dos apaixonados quando veio a notícia como sopro de dragão: ela foi diagnosticada com um grave problema nos rins. “Grave, era grave mesmo!”, revelou sem orgulho. E o homem que se apaixonou pela pequena, aprendeu então o que era violência. Palavra que traz na sua essência veemência e impetuosidade. Ela entrou no ringue, virou o próprio dragão e travou sua luta contra a morte. Ganhava a cada dia as honrarias do marido com sua bravia demonstração de resistência. Durante todos os dias de tratamento, sabedor do sonho da esposa em ser mãe, ele entoava essa melodia com ela por mais impossível que a concretização desse desejo pudesse parecer. Inspirado por esse amor, certo dia em que a acompanhava numa consulta, ele perguntou, “eu posso ser o doador do rim?”. A médica pediu os exames na mesma hora e não demoraram a marcar o transplante da família.

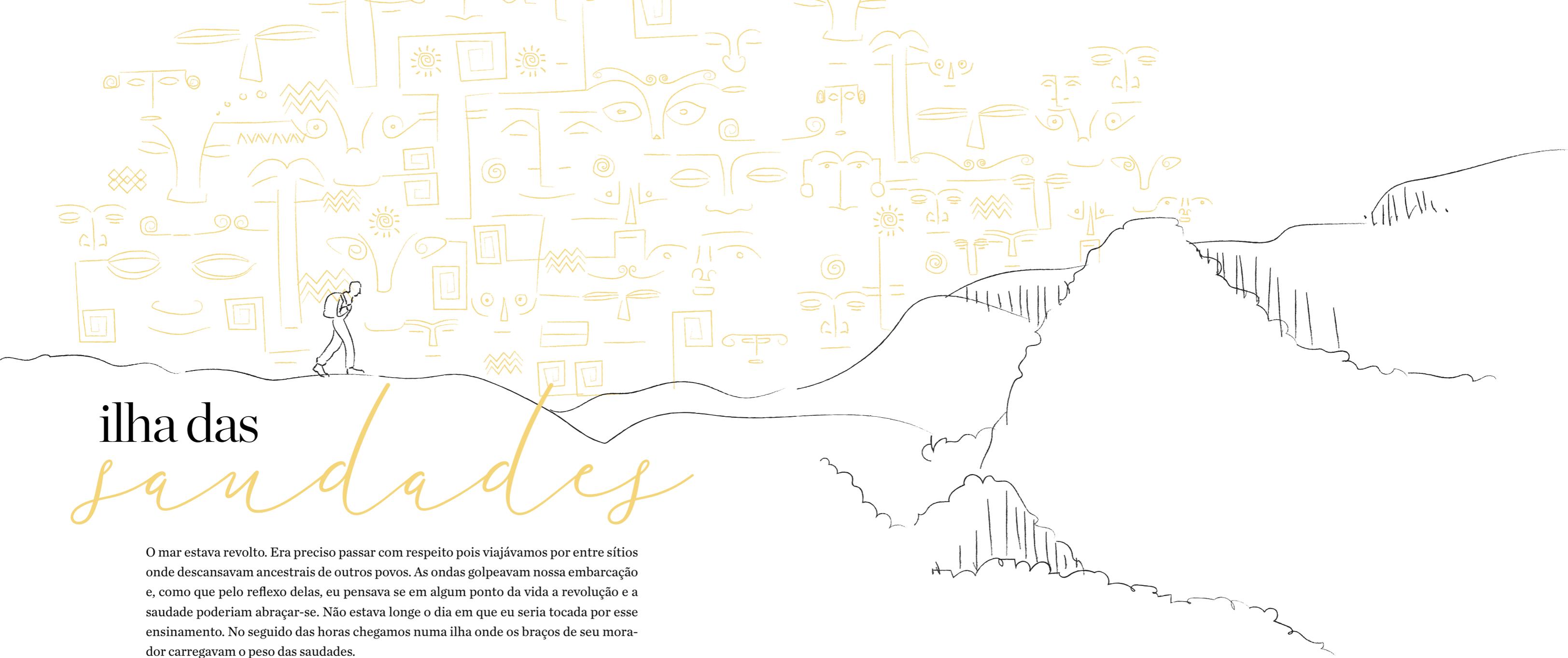
Comemorando o sucesso da cirurgia e provando que valentia não tem tamanho, ela decidiu engravidar. Bem mais treinados no combate, o casal subiu naquele rin-

gue de novo e seguiram mais juntos ainda. É que o homem ficou dentro dela e já não seria possível retirar do corpo aquela parte que lhe fazia tamanho sentido. Agora, seria impossível sem ele. Toda a gestação foi acompanhada passo a passo e sentida com a alegria de uma nova vida. E isso de ela ter o rim dele fez outro milagre acontecer, o homem também estava grávido. E com nove meses passados, caso raro como diamante, juntos, os dois pariram um filho.

Corre a lenda de que o rim é o celeiro de nossa ancestralidade. Pode ser fato mas também boato, o caso é que o homem conta do filho ter o mesmo gosto pelas cordas que tocaram sua infância. O homem que mora na Ilha das Cordas herdou o antigo violão — o mesmo que desaparecia com o avô nas serestas da Bahia — e o legado fica exposto na parede da sala. Todos os dias o filho pequeno pede para tocar um pouco. “Ele ainda é novinho, não toca nada, só brinca”, diz o pai. Suspeito que a criança, quando olha para a parede, enxerga mesmo um violão encostado no guarda-roupa e toca o fio do destino, esse cordão umbilical que nos liga aos nossos.

A história dessa Ilha despertou no violeiro a lembrança de seu filho, saudade acalantada pelo toque da canção de nossa despedida. Imensamente gratos pelos laços com aquele homem, saímos em busca de nos alargarmos ainda mais. A essa altura já tínhamos aceitado o que antes era apenas suspeita: o que o viajante procura é o próprio viajante. Navegamos noites e dias sentindo cordas invisíveis nos ligando aos moradores de todas as Ilhas que encontramos, e que propiciaram nosso próprio encontro.





ilha das saudades

O mar estava revoltado. Era preciso passar com respeito pois viajávamos por entre sítios onde descansavam ancestrais de outros povos. As ondas golpeavam nossa embarcação e, como que pelo reflexo delas, eu pensava se em algum ponto da vida a revolução e a saudade poderiam abraçar-se. Não estava longe o dia em que eu seria tocada por esse ensinamento. No seguio das horas chegamos numa ilha onde os braços de seu morador carregavam o peso das saudades.

O morador da ilha é um homem quieto e não caminha só, leva consigo todos seus antepassados, o que torna seu movimento firme e um pouco mais lento. Nós, viajantes de histórias, agradecemos pela oportunidade de aportar na Ilha das Saudades. Na estrada dos aprendizados não poderíamos passar incólumes aos sentimentos provocados pelas guerras. Ele não nasceu ali, veio das altitudes do Peru, onde se masca folha de coca para aguentar a pressão. Os mais antigos moradores molham com saliva uma folha inteira e a pregam à ponta do nariz, logo dão um sopro forte e olham para o lado que caiu: para a direita, é sorte, para a esquerda, é sinal de desgraça. Lá, quando as crianças nascem, as mães as carregam amarradas em panos coloridos nas costas e sobem colinas ladeadas por lhamas. As mães caminhavam para abençoar seus filhos e, com ervas, as *abuelas* diziam, “que o sendeiro te ilumine, criança”.

A bênção foi modificando-se à medida que o termo *luz do caminho* virou o nome dado a uma facção revolucionária extremista do Peru, “a maior e mais organizada da América Latina”, nos contava. Enquanto ele narrava, deixava acontecer à nossa frente aquele encontro entre a Grande História Oficial e as histórias íntimas vividas pelas pessoas. “*El Marxismo-Leninismo abrirá el sendero luminoso hacia la revolución*”, era assim que se falava na época.

O rapaz cresceu assistindo à fome acontecer no seu país dividido entre o povo branco, citadino e falante de espanhol, e o do interior montanhoso, agrário e carente, predominantemente indígena e falante do quíchua, do qual ele descendia. Ele estava perto de seus onze anos quando queria dar luz aos seus desejos de estudar, época em que o *Sendero Luminoso* ganhou força no movimento estudantil universitário. Ainda entre a infância e a juventude, ele assistiu aos grupos estudantis de classe média ou média-baixa tentando estabelecer a revolução em bases camponesas. “A maioria era de classes baixas”, nos contava. A facção proclamou-se um partido da “reconstrução”, mas a cada passo que a revolução dava, o governo organizava o exército e atacava com vigor.

O peruano tinha quinze anos quando o *Sendero Luminoso* passou da guerrilha rural para a urbana. Após doze anos de governo militar, a revolução efetiva se acendeu.

Acendeu-se também uma outra luz no caminho do rapaz, que foi aprovado num concurso e ganhou uma bolsa de estudos no Brasil. A mãe, que havia um dia abençoado o filho no seu nascimento, sentiu um misto de alegria e dor. Nos dias que antecediam a viagem, as emoções se misturavam dentro do jovem em pensamentos de direito e fuga. Antes de embarcar, ele se despediu da família e os olhou profundamente pela última vez.

No período dos seus estudos e da sua adaptação à nova cultura, a televisão pouco falava sobre o Peru. Ele se recorda de que, depois dos anos de ditadura, foi eleito um governo extremista, e o preço da renovação, tanto para o governo quanto para o partido da reconstrução, era parecido, só com o aniquilamento seria possível recomeçar. A guerra estava declarada. A televisão brasileira anunciou brevemente o atentado de Miraflores, ataque em que morreram aproximadamente quarenta pessoas. Os números dentro de uma guerra sempre soam frios e raramente são reais, mas são divulgados como se precisássemos deles para elucidar o tamanho da desgraça.

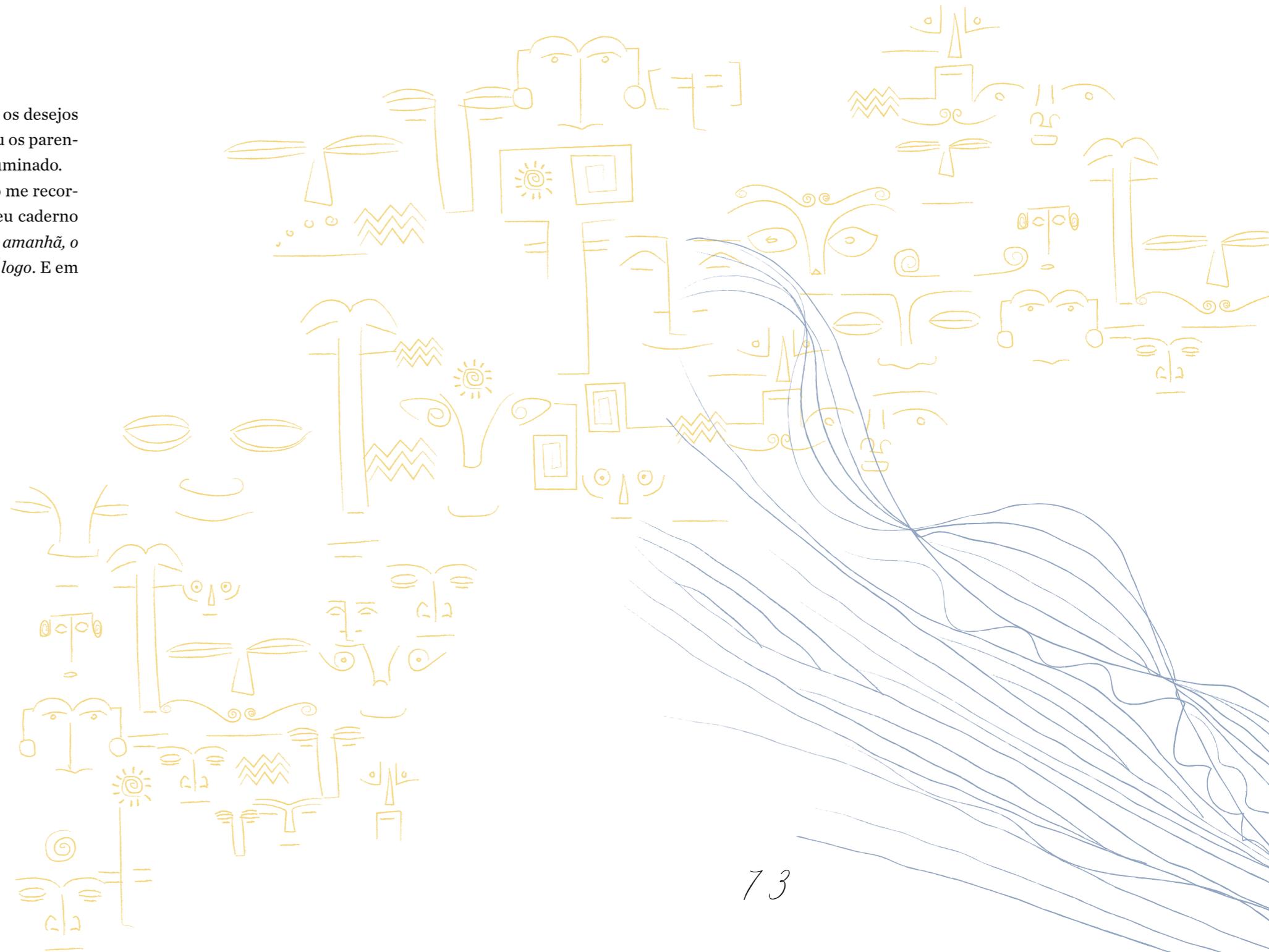
Entre o governo extremista e o partido extremista, estavam os mais de quarenta mil cidadãos que morreram pela sua história.

Ao terminar seus estudos, o moço tinha que fazer uma escolha: ficar no Brasil ou regressar. Sabia que se retornasse ao Peru seria pressionado a se tornar um combatente, escolher um dos lados, mas em ambos os lados era o povo que morria. Há tempos ele e toda família já não tinham notícias de seu irmão e de alguns primos. Mulheres, crianças, velhos e velhas desapareciam. Às vezes, permanecer por um tempo em cima do muro pode ser prudente, pois é de lá que podemos mirar melhor todos os lados. Ele queria ser ponte, queria uma terceira opção, queria poder estar com os seus. Então, colocou uma folha de coca presa no nariz e soprou para ver de que lado ela caía. A folha escolheu a vida e o moço ficou no Brasil e nunca mais retornou.

Em São Paulo, aos poucos reconstruiu sua vida, terminou seus estudos, encontrou outros amigos e se casou. Tudo isso passou rápido demais e parece ter sido vivido na medida em que seu coração comportava. Talvez por isso, quando sua memória ganha espaço ela se aloja ali, naquele pedaço onde são cultuados seus ancestrais. Ela se

dá o direito de desaguar naquele passado tão longínquo e pulsante quanto os desejos não realizados. Enquanto o homem tenta acomodar suas saudades, no Peru os parentes das vítimas ainda enterram seus mortos desaparecidos pelo caminho iluminado.

Era preciso silêncio para sair da Ilha das Saudades e, de fato, não me recordo de como nos despedimos dele. Já em nossa embarcação, anotei em meu caderno de aprendizados: *Enfim, uma lógica: se o agredido de hoje será o agressor de amanhã, o oprimido será o opressor, logo os amados serão os amantes, então eu te amo logo.* E em letras garrafais sublinhei: **AMAR É UM ESTADO DE URGÊNCIA.**





ilha das *sercias*

Era alto-mar novamente, as nuvens despejando água se anunciavam ao longe. Outros marinheiros nos avisaram que a forma mais bonita de ver a chuva era numa vassourada. A imagem era realmente como milhares de cerdas de uma gigantesca vassoura caindo do céu. A chuva estava embarcada e viajava nessa nau enevoada movida pelo vento. O mar ficou todo remexido das águas doces quando a vassourada passou, algas se revoltavam na superfície, milhares de crustáceos e conchas ficaram expostos na areia. O céu, entretanto, anunciava a bonança pelo lindo sobrevoos das gaivotas.

A água de lá era tão azul que conferia o título à ilha de “berço das sereias”. A moradora da ilha nos foi receber escondendo a cauda um tanto desconfiada. Elegante como sereia que era, nos deu as boas-vindas dizendo “adoro música”. Eu sorri, já imaginava isso vindo de quem encanta os mares e não perdi a oportunidade de agradecer mais uma vez ao violeiro ao meu lado, sempre abrindo caminhos. Cantamos e assim poderíamos ficar por horas, mas foi inevitável a ela começar a contar, é que música sempre faz lembrar.

“Não sei se por orgulho ou por paixão, sou caçara”, foi o enunciado inaugural da história da mulher-peixe. Sim, sereias extraordinárias. Com suas muletas nas mãos e lindos cabelos até a cintura, nos dizia “a vida de uma criança na beira do mar é tudo. Tudo o que vivi, foi na frente do mar”. Ter o mar como memória é uma grande raridade, pensei, mais uma particularidade daquela mulher-sereia.

Na qualidade mitológica que lhe cabia, ela contou que nasceu mesmo criança; ser peixe, veio depois. Assim que saiu do mundo aquoso do ventre de sua mãe soube, os pezinhos da pequena não foram feitos para pisar na terra. Acontece com algumas pessoas de se identificarem mais com o ar, outras com a água, aí ficam assim. Como seus pés requeriam tratamentos, desde muito cedo ela enfrentava médicos e fisioterapeutas para aprender a andar. As botinhas e, conforme o corpinho cresceu, as muletas acompanharam a infância da menina. Mas havia nela alguma secreta que deixava a sua pele opaca.

A clínica onde ela fazia fisioterapia era na orla. Pela janela, a menina avistava o mar. Uma janela é sempre uma brecha para os anseios e, com a força de seu pensamento, a menina atravessava a janela, abria bem a boca e sorvia toda aquela água salgada de uma só vez. Mas, quando abria os olhos, estava de novo na clínica. Não demorou para a pequena de olhar firme exigir que a levassem até o mar, mesmo sem a mãe saber. E num dia aceso pelo Sol, realizaram sua ousadia. Enfim, ela foi levada para a praia. Jogada na água, sua alma voou livre. Num encontro muito mais antigo do que o próprio tempo, ela pôde, enfim, saciar sua sede oceânica. A menina se encontrou no mar.

Ela pedia para não contarem à sua mãe, mas tem coisas que mãe finge não saber. “Ela parecia um peixinho solto”, dizia aquela que se fazia de enganada, mas que já antevia tudo. Foi na beira d’água que a sereia aprendeu a colocar os pés no chão e, aos poucos, a andar. Para ela, andar e nadar é rima de uma mesma recordação, e o mar também comemorava o reencontro pois sabia o que a menina “sereia” no futuro.

A moça foi crescendo e suas escamas foram acomodando-se nos poros. A mãe insistia que a sereia saísse de casa para encontrar outras pessoas, mas ela se sentia um pouco diferente, devia ser pelas barbatanas no ar. Ela resistiu muito até que, pela internet, ingressou num grupo de pessoas com deficiências físicas. Nesse espaço, trocavam suas experiências e, eventualmente, combinavam encontros em passeios e outras coisas mais. Com mais uma porção de impulsos e empurrões da mãe, a moça marcou a sua primeira saída com a turma. O palpite da mãe é que ela só concordou porque a excursão foi na praia.

No dia marcado, ela se preparou para o banho de mar, subiu no ônibus cheio de vidas novas e foi saindo, lentamente, de sua concha. Antes mesmo de chegar à praia, sereia que era, a moça previu a chuva. Montaram uma grande tenda, uma mesa repleta de quitutes, e começaram a comer e a conversar. Ela estranhava a cena, “mas que gente esquisita, vem pra praia só pra comer?”. O povo não estava achando a chuva lá muito estimulante. Num ímpeto, ela questionou, em voz alta, “e quem vem pra praia tem medo de água?!”. E foi exatamente nessa exclamação que alguém ouviu o canto da sereia. O moço estava ali, com a batata na mão, deslumbrado pela moça corajosa que ia sozinha, na chuva, em direção ao mar. Não deu outra, sem saber ainda da intimidade entre aquela mulher e as marés, ele deixou a batata e correu a-mar.

Ali na beira, brincaram como crianças. Debaixo da chuva, dentro d’água, ela flutuava entre o colo dele e as ondas, e no quebrar das ondas rompeu-se o quebranto da solidão. Molhados pelas mesmas águas, os dois estavam só ali. Foi então que ele viu a sereia que acolhia em seus braços e seu amor desaguou. Dizem que amores são águas doces e paixões são águas salgadas, homem e mulher se divertiam em misturar as qua-

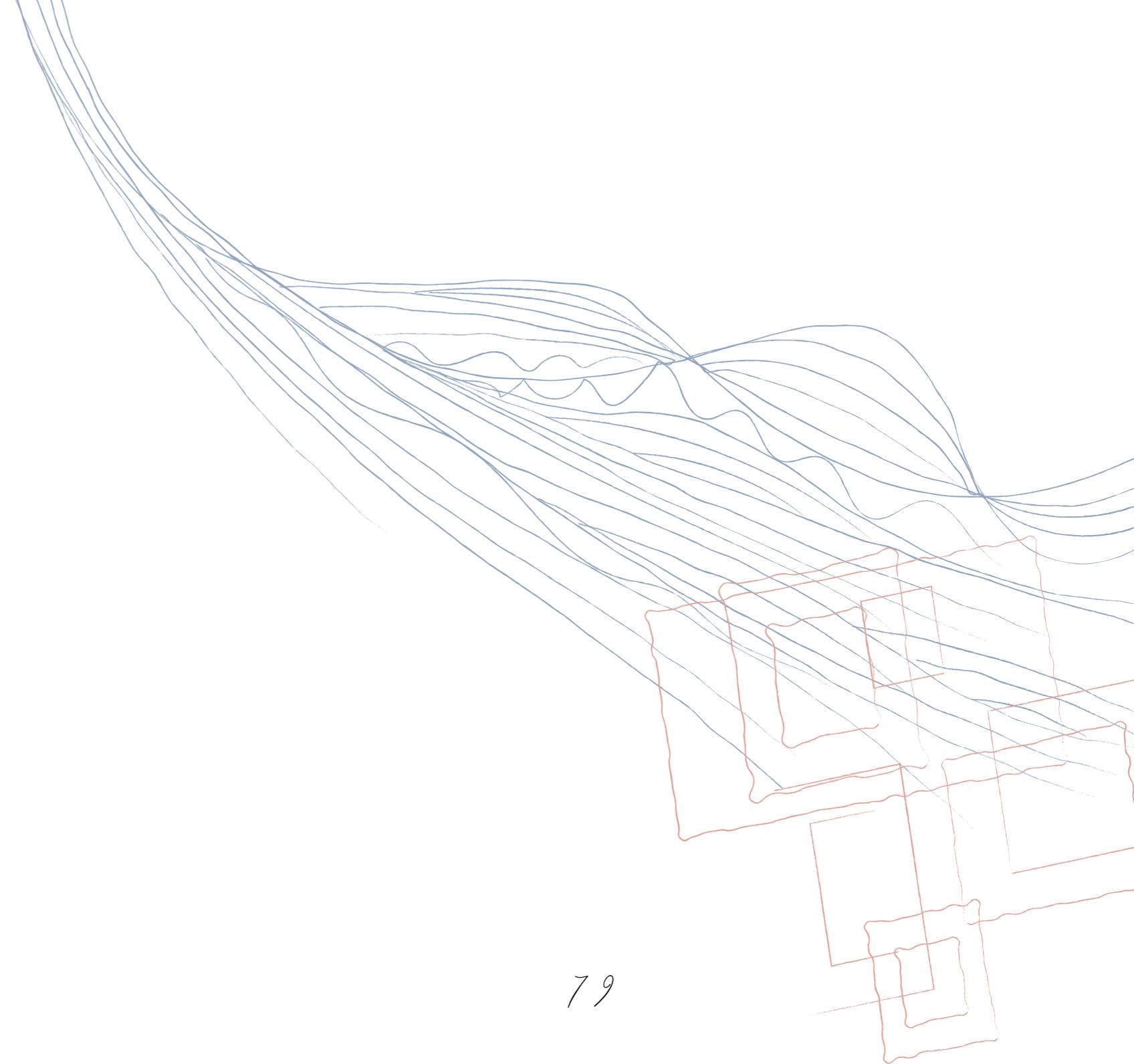
lidades de suas águas. Quando o dia acabou, eles se separaram. Enquanto as águas dos dias rolavam, eles conversavam vez ou outra pela internet.

Assim também o mar espera o beijo do sol na despedida do dia, e quando ele passa, cirandeiras cantam coisas de amor:

*Brindo sua chegada amante meu,
Mesmo na hora em que está se pondo
O rastro da sua presença faz minha noite reluzir.
A ausência ainda é chama e amanhã ainda é Sol.*

Na beira da praia, homens saem para a pescaria e mulheres fazem a ciranda para amansar a distância entre os apaixonados. Noites a fio o homem já não adormecia, sonhava acordado com o seu amor. Foram tantos amanhãs com o desejo de estar perto que ele tomou coragem e pediu para descansar seu pôr-do-sol junto à sereia. No casamento, ela mergulhou sereia e emergiu mulher.

Com tanta coisa acontecida na beira do mar, ela nos disse, com olhos d'água, "sou a soma de tudo o que vivi". Eu e o violeiro ficamos para o luau, e ao som do violão, no meio da roda, ela me perguntou, "que história você vai me contar?". Eu só poderia ser sincera, e respondi, "a sua". Na minha inocência, eu alimentava o desejo de um dia ver uma sereia, acreditava que ela tinha a cor de peixe. Mal sabia eu que as sereias são como águas dos oceanos, e anotei em meu caderno de aprendizagem, "sereias são mulheres profundas e transparentes". E, na manhã seguinte, o sol beijou novamente o mar.



ilha da fotografia

Naquela noite havia acontecido algo diferente. Olhando para o céu, no fundo da madrugada, a única imagem que meus olhos registravam era a de uma câmera escura. Tomada pela vastidão da escuridão, não pude fechá-los para o sono e acompanhei o despontar da aurora. Seus raios violetas me invadiram de uma antiga saudade, naquele instante comecei a idealizar meu retorno. Em meu oposto, o violeiro conduzia a nossa embarcação adiante e decidido.

Paramos em frente a um crescido quintal de duas casas de tamanho justo. A moradora da ilha nos veio receber e, pelo horário amanhecido, nos convidou a partilhar de seu café da manhã. Com meus olhos ainda cansados, eu procurava ao redor alguma referência que me desse pistas de onde havíamos aportado. Estranhava o nome



da Ilha, não havia nenhuma câmera ou imagem fotográfica. Mas crendo que são os sutis detalhes que realmente revelam as coisas, esperei o acontecer e agradei pelo café fresco. No melhor dos climas de uma manhã, começamos a ouvir a sua história.

O pai trabalhava como cabeleireiro de segunda à sexta e, nos fins de semana, voluntariava-se em hospitais públicos fazendo cabelo e barba dos pacientes. Como já estava alfabetizada, ela começou a auxiliar o pai e passou a ser responsável por organizar o caderno com o nome dos pacientes que desejavam aparar as madeixas. Ela entrou no hospital pela primeira vez ainda criança e, com seus olhos de menina, apelidou aquele palacete branco de “lugar mágico”. Eram tantas novidades entre médicos, máquinas e grandes salas que as alvas paredes foram multicoloridas pela sua imaginação infantil.

O sábado começava dentro do hospital com o pai arrumando os materiais e a menina ligeira, na frente, pelos imensos corredores. Entrava de quarto em quarto anotando com sua letrinha vacilante “barba”, “cabelo”, “cabelo e barba”, e demorava-se nas conversas e na escuta. Os pacientes ficavam encantados com a criança e pediam sempre para o pai: “Traz a menina na próxima semana”. Depois, com os coleguinhas na escola, ela era a preferida para contar as incríveis coisas que aconteciam dentro daquele lugar fabuloso. Enquanto ela nos narrava sua história, nos vimos refletidos nela: éramos três que apreciavam ouvir as belezas das histórias de vida.

O tempo correu seu percurso e a moça, já crescida, buscou pelo primeiro emprego. Foi naqueles corredores que soube de vagas em uma empresa prestadora de serviços de limpeza. Ela prestou e passou nas provas, entrando pela primeira vez no mesmo lugar de sua infância, agora, contratada. A vida adulta se achegava e seus olhos já não eram de menina. Não demorou a conhecer o homem com quem iria trilhar caminho longo. De fato, a mulher tem por gosto fazer laços com longevidade, tudo na sua história tem longa permanência.

Logo depois do casamento, o pai dela teve um sonho de madrugada e, pela manhã, sem dizer palavra, saiu para comprar doze pintinhos. Chegou em casa e deu de presente para a filha uma caixa com aquelas coisinhas amarelas que cheiravam a

ninho. Ela achou lindo, mas se assustou com o motivo do presente. “Essa noite eu tive um sonho com minha neta”, disse o pai, “ela tinha os cabelos anelados, era miúda como uma flor e brincava com a saia de um vestidinho vermelho de bolinhas brancas. Você está grávida, minha filha”. Depois, o pai lhe explicou, os pintinhos levam dezoito semanas para crescer e dar os primeiros ovos, nesse tempo a filha já estaria no quarto mês de gestação e “o ovo é uma excelente fonte de proteína para a mulher grávida”. No dia em que virou mãe e seu pai ganhou o amoroso título de avô, eles estavam em casa. O pai ficou ao lado da filha e se ajoelhou em prece no exato momento do nascimento da vida. Os anos trouxeram a segunda menina para os braços dela e as galinhas estiveram presentes nas duas gestações. Até hoje o homem zela pelas netas.

Descobrimos então de quem eram as casas gêmeas daquela paisagem. Em uma delas, como é de se prever, moravam a mulher, o marido e as filhas, e um pouco adiante ficava a casa de seus pais. O quintal, feito para as meninas correrem com as galinhas, era o mesmo em que os avós faziam o comprido caminho do viver, “ali todos se ajudavam e todos trabalhavam para comer”. As filhas foram criadas com os pés na terra, pois os dias de uma criança com os pés descalços são mais alargados. O tempo também corria sobre a vida, e o cotidiano ia registrando boas histórias para que algum dia a família pudesse recordar.

Nesse tempo, ela soube da realização de um concurso para trabalhar na cozinha do hospital onde trabalhava, uma ótima oportunidade para ela crescer profissionalmente. Com a ajuda da família, começou a estudar e, feita a primeira prova, soube que tinha grandes chances de ser aprovada. Encheu-se de esperança e seguiu todas as etapas da seleção. O final foi o mais marcante, um teste de uma semana trabalhando com funcionários antigos, cortando alimentos e limpando panelas imensas. Por ter terminado o trabalho em tempo recorde, desagradou os funcionários, “se você for rápida demais, eles vão te dar mais coisa pra fazer”. Sentiu receio dos colegas, mas respondeu, “estou aqui para trabalhar”. Com todas as provas concluídas, ela conta que quase botou tudo a perder. Não foi ao seu primeiro dia como concursada, “eu ainda estava na

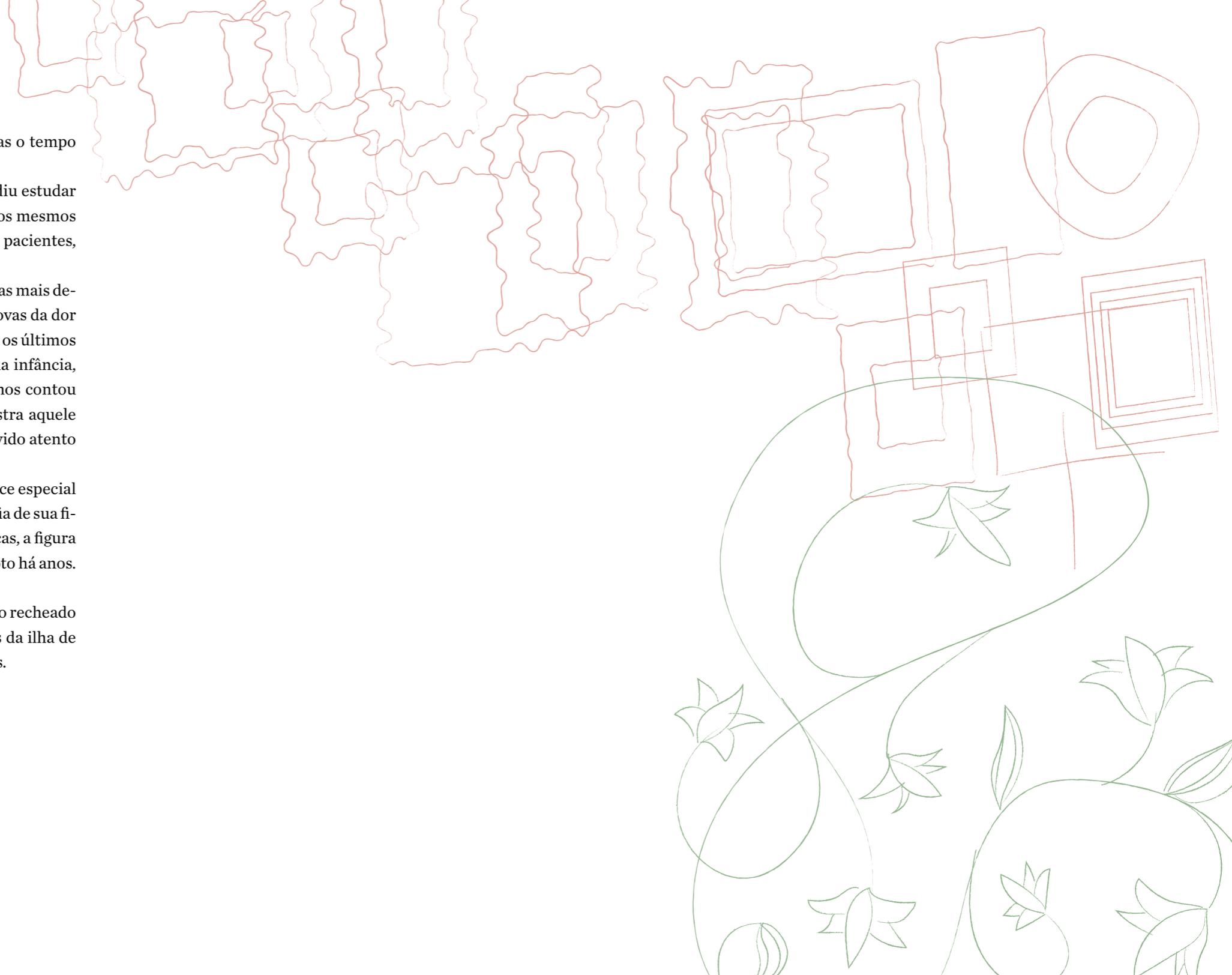
antiga empresa e não chegou a notícia de que eu tinha sido aprovada”. Mas o tempo veio, e nada como ele para ajeitar os detalhes.

Quando a filha cresceu, tamanha a sua admiração pela mãe, decidiu estudar na área de saúde. E no mistério da continuação da vida aconteceu que, pelos mesmos corredores que o pai passou cortando cabelos e ela passou alimentando os pacientes, hoje passa a filha que é enfermeira.

Foram nesses mesmos corredores que a mulher passou pelas provas mais desafiadoras. Não, certamente não foram as provas do concurso. Foram as provas da dor de ver adoecerem o pai e o marido. Foi ali que cuidou de seus dois amores até os últimos dias deles, e é também naquele hospital, o mesmo lugar espetacular de sua infância, que ela agora entra para ser cuidada. Espelhando seus olhos nos nossos, nos contou que quando encontra alguém que lhe oferece o tempo da escuta, ela registra aquele acontecimento na memória, e como aquela criança que passeava com o ouvido atento e seu caderninho nas mãos, ela se reencontra.

Certo momento, a mulher se levantou da mesa para buscar um doce especial e nós vimos, em cima da penteadeira, um retrato emoldurado. Era a fotografia de sua filha miúda, de cabelos anelados com um vestido vermelho de bolinhas brancas, a figura exata do sonho do avô traduzido em imagem vivida. A mulher guarda essa foto há anos. Um futuro que virou passado, mas ainda semeia o porvir.

Ela voltou para a mesa com um prato de sonhos, aquele do tipo bolo recheado normalmente frito e polvilhado com açúcar. Despedimo-nos dela e saímos da ilha de boca cheia. A viagem continuava, agora, inspirada nos sonhos que comemos.





ilha da

vida

O início e o fim caminham juntos. Foi assim que chegamos ao fim do dia, com o descanso do Sol que desmaiava exausto de sua ardência e, no início da noite, nos primeiros caprichos estelares que penduravam vaga-lumes no céu. A mulher da ilha amava a “hora azul”, período também conhecido como crepúsculo. Miúda de sorriso grande, morava junto à sua imensa família na ilha e nunca estava só. Ela nos recebeu acompanhada de sua irmã e ambas celebraram: “Chegaram em boa hora”.

A Ilha tinha no nome o mais elevado dos mistérios, suas histórias exigiam certos ritos. Esperamos anoitecer e acendemos uma fogueira para aquecer aquele encontro. Algumas histórias só podem ser contadas perto do fogo, fogo e relato guardam muita intimidade. Cativante, o violeiro tocou algumas melodias para enaltecer o momento. Apaixonada por música, a mulher dançou e aplaudiu todas elas. A vida era uma imensa celebração, era isto o que acontecia naquela Ilha. Num solo alargado de casas à beira mar, descansamos em volta da fogueira que nos trouxe a história. Com um sorriso grandioso, ela começou a narrar.

Os pais fugiram da miséria do sertão. Onde antigamente moravam, a foice podia ceifar o solo, mas a única coisa que nascia era rachadura de Sol seco. Sonhando com nuvens carregadas, pai e mãe subiram no pau de arara juntamente com outros sertanejos. Os corpos sacolejavam no caminho longo, aonde ora se ouvia um falatório em algazarra, ora se ouvia o silêncio do medo do amanhã. Traziam pregada no corpo uma matula carregada de esperança e vazia de comida. Os migrantes não comentavam, mas naqueles silêncios eles aproveitavam para se despedir de quem ficou para trás. Tentavam despedir-se também da aridez da vida.

Os que se decidiam por enfrentar a vereda teimavam na perspectiva da mudança. Como diz o ditado, “os incomodados é que se mudem”, pois os acomodados não mudam nunca. Os Estados de mudança incluíam Pernambuco e São Paulo. Chegaram no município de Osasco e encontraram aquele pedaço de terra, um terreno com a exata medição de espaços vazios a serem preenchidos pelo futuro. Na época, não havia casa, não havia encanamento nem fiação, não havia nada. Era um terreno puro e, na sua pureza, brotava a grama verde da anunciação.

Ali começaram a plantar e também a levantar as primeiras paredes da casa. A família também entrou em estado de florescimento, um atrás do outro brotaram os doze filhos. Ela era uma das primeiras mulheres nascidas, por isso ajudava a mãe em tudo o que conseguia e cuidava dos menores. Foi penteando e lavando que virou a melhor amiga de sua irmã caçula, amizade que perdura até os dias de hoje. Daí encontrar-

mos as duas juntas na ilha e ouvirmos das duas bocas os ensinamentos mais ocultos do viver. Na época, os armazéns vendiam comida a granel e as meninas se recordam do pai comprando sacos fechados para alimentar todos os filhos, “ele chegava em casa com aquele saco de trinta quilos”.

Acontece que as famílias que fugiram da fome trazem consigo certa intimidade com o início, o fim e o recomeço. Aprenderam a naturalidade cíclica da existência. A prova disso é que os fins também começaram a suceder naquele mesmo terreno. O pai foi um dos primeiros a deixar o lugar. Partiu meio de surpresa e, sem que ninguém percebesse, enfeitou-se de flores e outras quinquilharias e voou só com a alma pela porta de casa. O pai rumou para misteriosos terrenos onde os pássaros chegam sem pau de arara. Ela conta que durante três dias a mãe dela xingou o homem pela tolice de deixar a vida cedo demais. Voltou a pegar na foice para capinar o terreno no dia seguinte, já que a vida não espera e o mato cresce.

Nesta época, a penúltima criança nascida estava enferma, havia saído com o corpo mirrado do sertão. Pelas noites, antes de dormir, a mãe lhe contava histórias de outros campos mágicos, mas seu ouvido miúdo fixou na aridez vivida pelos antepassados. “Acho que era a água que a mãe havia bebido quando era moça”, dizia ela enquanto pegava ovos no quintal para a irmã adoecida. Porém, quem sentia fome mesmo era aquela caçula que acabava sempre comendo a comida da irmã. Enquanto contavam, as irmãs riam, “por isso que só essa aqui acabou vivendo”, dizia em defesa da mais nova. Riam da vida a despeito do relato de mais um fim. Disseram que os anjos levaram a pequena adoentada num vestido branco para reviver no terreno do pai. Pelo parentesco com os índios, as meninas que ali narravam sabiam, lágrimas no chão ajudam a brotar o renascido. Assim honravam a vida, vivendo.

Depois da irmã partir com os anjos, ela teve um sonho. Uma bondosa senhora de velha idade que morava perto de lá também havia falecido, e foi exatamente a mesma que lhe veio visitar na alta madrugada. De passos flutuantes, entrou pela porta do quarto e sentou-se ao lado de sua cama. Os dedos frios acariciaram os cabelos crespos

da moça adormecida e acalentaram suas dores, a velha ainda carregava o perfume das flores no corpo. Na noite seguinte, antes de dormir, tomou uma decisão: chamou Deus para ter com Ele uma conversa honesta e exigiu que nunca mais sonhasse! “Eu sei que a velha era do bem, mas eu morria de medo.” Foi aí que a moça parou de sonhar e, desde então, só fecha os olhos com luzes acesas.

O tempo foi trazendo as primeiras inesquecíveis primaveras. Os irmãos mais velhos se casaram e o terreno deu lar às crianças que começaram a nascer. As mulheres da casa contavam suas histórias. “Atrás de mim tem minha avó, e atrás de minha avó tem a bisca que veio da África, a gente já vem enfileirada.”

Isso de elas enxergarem a vida com a grandeza de seus fins e começos não as protegia das tristezas e tampouco as privava das alegrias. A moça mastigou o último bolo feito pelo irmão com a inocência de que seria eterno. Naquela noite, o irmão preparou um bolo fofo, “ele fazia como ninguém, chegava a esfarelar na nossa mão”. Saiu de casa e um acidente o levou. Era o fim insistindo em dar seu recado, e mesmo que acertado desde o início que ele virá, sua chegada é sempre surpreendente. Ela regou um pouco mais o terreno da casa com lágrimas, olhou para as crianças, pensou nela mesma, afirmou, “é pra viver tudo o que essa vida nos dá”, e encerrou o assunto.

As irmãs confirmaram que o terreno ceifado é o mesmo até hoje, só foi crescendo em número de casas até não caber mais. “Quando os netos da minha mãe se casaram, tiveram que morar em outro lugar. Mas nos fins de semana, a gente ajunta tudo”, nos disse enquanto guardava mais um saco de trinta quilos de alimento na despensa.

A explicação sobre a vida que recebemos tinha a formosura incipiente de um mandacaru no cacto. A mulher elucidava sua vida contando sobre a beleza contida na morte, o que tornava o ensinamento um tesouro. Saber perder era a possibilidade de viver em plenitude. “Pega a foto pra eles verem”, pediu para a irmã, que se aproximou com a imagem imaculada da mãe nas mãos. Era lindo como exibiam orgulhosas a fortaleza aos seus oitenta e quatro anos. Atrás da foto havia uma inscrição: “As rezas que ficarão escritas no livro de minha vida são as minhas atitudes.”

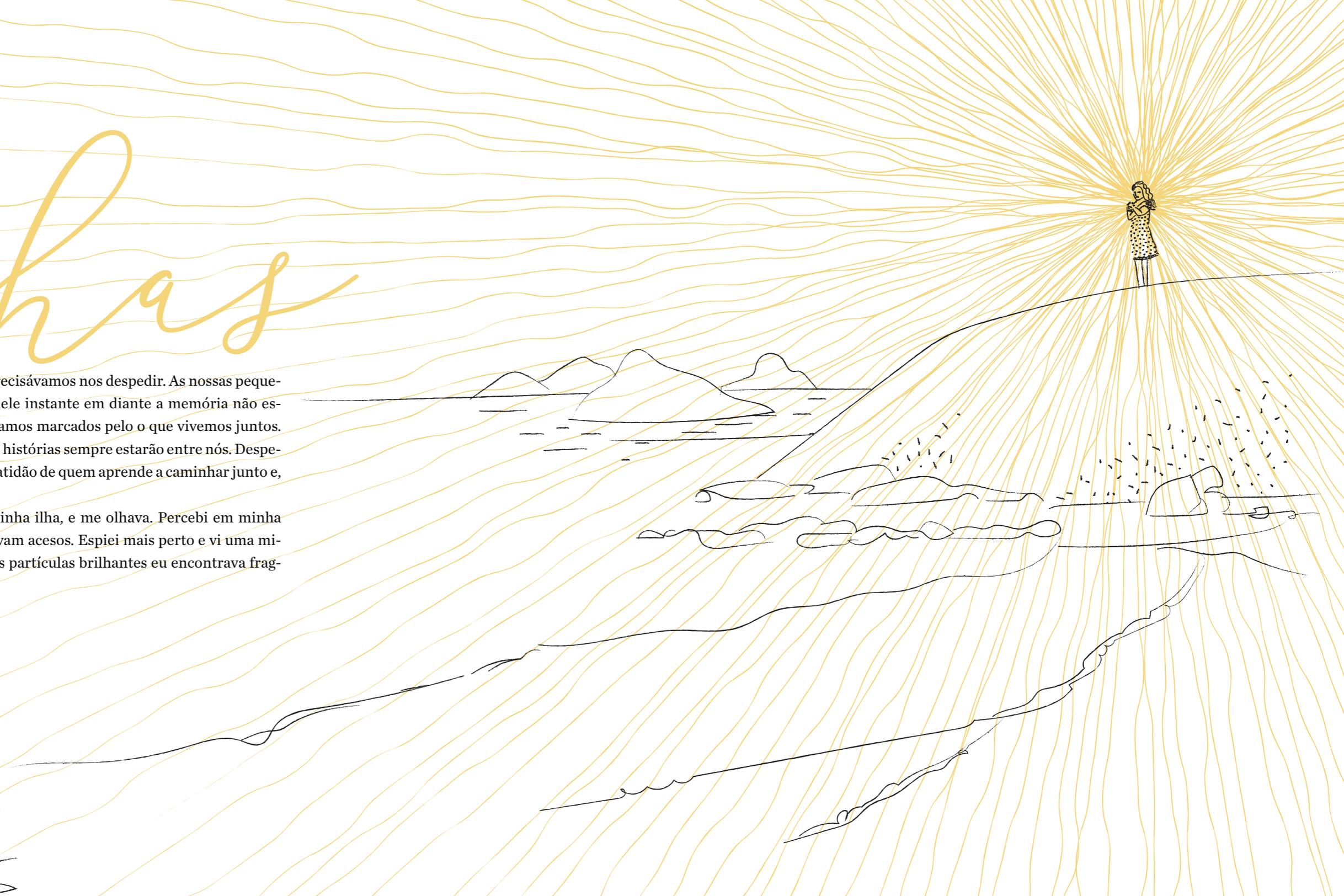
A história sobre o fim era certamente o último ensinamento secreto de nossa viagem, a perfeição das coisas como elas são. Com uma saudade imensa dos que deixamos para trás, chegava a hora de encerrar nosso ciclo. Vendo o vento bater na superfície da água, entramos no nosso barco pela primeira vez com o rumo definido. Estávamos prontos para voltar para o princípio.



o farol das ilhas

Depois da longa travessia, eu e o violeiro precisávamos nos despedir. As nossas pequenas ilhas nos chamavam pelo nome. Daquele instante em diante a memória não esqueceria a viagem que construímos. Estávamos marcados pelo o que vivemos juntos. Mesmo à distância, os fios que ligam nossas histórias sempre estarão entre nós. Despedi-me desse companheiro com a imensa gratidão de quem aprende a caminhar junto e, assim, retornamos de onde saímos.

Estava novamente firmada na minha ilha, e me olhava. Percebi em minha pele um brilho diferente, meus poros estavam acesos. Espiei mais perto e vi uma miríade de espelhos do outro. Em minúsculas partículas brilhantes eu encontrava frag-



mentos de semblantes, sorrisos, gestos e palavras que ficaram gravados em mim. As marcas piscavam como vaga-lumes.

Reluziam também outros encontros que não foram registrados nesta cartografia. Miro e vejo uma árvore que brotou meninos, uma professora que transformou fossa em livro, uma maria que comia fumaça para sobreviver, uma baiana de escola de samba paulista que rezava para chover e um professor que me ensinou sobre “ser estrangeiro”. Lição que aprendia cada vez que olhava o outro, e um estrangeiro se expunha à minha frente. O estrangeiro é sempre o estranho, aquele que vem de fora, anormal e extraordinário. Apresenta o desafio da diferença ao me convidar para adentrar um campo desconhecido, fugir à minha norma singular, transcender o cotidiano ordinário do meu espaço. Ele carrega aquilo que eu ignoro e, por esses e outros motivos, o estrangeiro é detentor de uma sabedoria rara. Então ocorre uma pequena dor quase cirúrgica para abrir os olhos e aumentar a visão, já acostumada, para conhecer o desconhecido.

Em paragens não comportadas nessa cartografia, os olhos estrangeiros de um sertanejo melhoraram os meus quando disseram, “uma pessoa sem um farol é como um barco à deriva”. Ao ouvi-lo, escrevi em meu caderno: creio que meu destino final seja a construção de um farol. Foram tantos olhos a fulgir as belezas no caminho que narrar tornou-se uma necessidade. Decidi ser farol para orientar embarcações que se perdem na estrada do perigo ancorada em histórias que ultrapassam os limites da pessoalidade e adentram o campo das representações humanas. E caso me encontre com alguma ilha esquecida de si, ou quando eu mesma me esquecer da poesia humana, espero, como farol, poder servir de olhos para a lembrança. Eu contarei a vida, pois é sabido que ninguém pode viver a experiência do outro a menos que a sua história seja revivida ou compartilhada. Este ofício de narrar vidas auxilia em iluminar o outro e, sei, nutre minha luz também.

Olhei outro poro que cintilava em minha pele, era o poeta de minhas lembranças. Repleto de mundo, revelava “na vida é preciso ter dois olhos, o minúsculo e o maiúsculo. O minúsculo é pra você ver as coisas pequenas da Terra. Reparar no cami-

nho de formiga ou pegar na folha da árvore e perceber que ela te mostra um mapa que não se sabe aonde vai dar”. “Já o olho maiúsculo”, dizia ele, “você usa quando olha lá pra cima e lembra de que o céu é carregado de estrelas”. Olhei para a noite e me preenchi com o que vi. O céu era um imenso mar que refletia a humanidade. Cada estrela era um fragmento de uma pequena ilha, uma abóboda iluminada pelas memórias espelhadas da Terra. Entendi, por fim, porque estrela e destino possuem o mesmo significado. Deitei, então, meu corpo no chão para contemplar aquela beleza e, do firmamento, três estrelas derramaram seu rasto. Na pequena Ilha onde hoje moro, acendo seu farol com olhos de luz.

CRÉDITOS DA PUBLICAÇÃO

Produção e Coordenação Editorial

Marina Rosenfeld

Edição

Flávia Landgraf

Revisão

Edgard Murano

Ilustração

Fábio Machado

Projeto Gráfico e Diagramação

NARU (www.narudesign.com.br)

ARTE DESPERTAR

Fundadora e Presidente

Regina Vidigal Guarita

Diretora Executiva

Rosana Junqueira Morales

Gestora Geral

Marina Rosenfeld

Gestora de Projetos e Produtos

Flávia Landgraf

Gestora de Relacionamento

Edna Muniz

Gestora Administrativa-Financeira

Diana Matsumoto

Comunicação

Priscila Pereira

Assistente de Projetos

Cláudia Brito

Assistente Administrativa-Financeira

Bruna dos Anjos Reis